

Mulheres

de raízes e asas

ANTOLOGIA



ORGANIZADOR
GILSON SALOMÃO PESSÔA

Panóplia

Mulheres

de raízes e asas

ANTOLOGIA



© 2026 Editora Panóplia

www.editorapanoplia.com.br

Antologia Mulheres de Raízes e Asas

1ª edição

Vários autores

Organizador: Gilson Salomão Pessôa

Revisão: Dos próprios autores

Projeto Gráfico: Gisele Starck com imagens geradas por IA

Capa: Andreia Marques com imagens geradas por IA

Dados Internacionais de Catalogação

P475 PESSÔA, Gilson Salomão, 2026

Mulheres de raízes e asas / Vários autores Rio de Janeiro: Panóplia 2026.

Organizador: Gilson Salomão Pessôa

172 p.; 14x21cm.

ISBN 978-65-83987-28-0

Literatura brasileira

I.Título.

CDD 804

CDU 92

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial dos textos sem autorização dos autores.

Antologia Mulheres de Raízes e Asas

*Mulheres
De Raízes
E Asas*

Gilson Salomão Pessoa

Introdução

Esta antologia nasce do encontro entre voz e coragem. Cada conto e cada crônica aqui reunidos partem de experiências diversas — íntimas, coletivas, imaginadas ou herdadas — para afirmar algo essencial: mulheres não cabem em moldes estreitos. Elas criam, resistem, erram, recomeçam e, sobretudo, escolhem. O empoderamento que atravessa estas páginas não é um slogan, mas um processo vivo, feito de pequenos gestos e grandes rupturas, de silêncios rompidos e palavras finalmente ditas.

As narrativas não pretendem oferecer um único caminho, porque não há uma única forma de ser mulher. Há mulheres que florescem no confronto, outras na delicadeza; algumas conquistam espaços, outras os reinventam. Aqui, o poder não é sinônimo de dominação, mas de autonomia: o direito ao próprio corpo, à própria história, ao próprio desejo e à própria voz. Ao contar essas histórias, as autoras e autores não falam sobre mulheres — falam com elas e a partir delas.

Que esta antologia seja lida como espelho e como farol. Espelho para reconhecer dores e

forças compartilhadas; farol para iluminar possibilidades ainda não vividas. Que cada texto inspire a lembrança fundamental de que empoderar-se é um verbo em movimento — e que nenhuma mulher caminha sozinha quando suas histórias são ouvidas, lidas e multiplicadas.

Sumário

Introdução... 04

Raiz que se ergue... 13

Wilson Salomão Pessoa

Sua alegria e força me encanta... 17

Gisele Starck

Ela descobriu que tem asas... 22

Gisele Starck

Onde Dona Irene criou raízes... 24

Gisele Starck

Rotina... 28

João Starck

Forô e Dona Cecília... 32

Ane Forcato

Feminino... 44

Eliane Pristina Barbosa

"O despertar do feminino" ou "Tecendo profundamente o meu feminino"... 47

Aeraneide Ferreira de Souza Matos

O caminho de dentro... 53

Aeraneide Ferreira de Souza Matos

Entre o susto e o sorriso... 55

Aeraneide Ferreira de Souza Matos

A menina que ainda me chama... 56

Aeraneide Ferreira de Souza Matos

E então, ela se encontrou... 58

Aeraneide Ferreira de Souza Matos

*O silêncio me chamando pelo nome. Aeraneide,
Neide, Neidinha...61*

Aeraneide Ferreira de Souza Matos

"Nicole, o grito da madrugada"... 65

Aeraneide Ferreira de Souza Matos

A pele, o medo e o silêncio... 69

Aeraneide Ferreira de Souza Matos

A dança e o lençol... 72

Aeraneide Ferreira de Souza Matos

Amizades prolongadas: entre raízes e asas... 75

Aeraneide Ferreira de Souza Matos

Você merece o melhor... 78

Simone Reis

Aprender a voar... 79

Simone Reis

A voz da liberdade... 81

Zuleica Rabello

Quando o laço esfria... 88

Marilene Carvalho

A vingadora de Ilhéus. A fênix do sertão... 99

J. F. Ribeiro

Algumas ovelhas precisam ir embora... 123

Graci Apolinário

Se você soltar a sua mão você cai?... 125

Graci Apolinário

O chão de Jaguarari e o cultivo do futuro... 128

Fristiana Santos Muniz

Ayla e vaso quebrado... 131

Andréia Marques

"A beleza de florescer em dias escuros"... 147

Karina Oliveira

Marina e seus corações... 149

Simone Ferreira

Entre frutas e Ausências... 154

Belle Dantas

A dor do Luto... 157

Belle Dantas

O artista... 163

Eliz Vieira Ferreira

O amor... 165

Eliz Vieira Ferreira

Verdão... 166

Eliz Vieira Ferreira

A gramática invisível... 167

Gilson Salomão Pessoa



Gilson Salomão Pessoa é Funcionário Público formado em jornalismo pela UFJF. Colunista com dois livros publicados, participou de antologias lançadas pela Revista Conexão Literatura e pela Editora Panóplia. Dentre os seus livros publicados estão o romance “Histórias de Titãs Quebradiços” e o livro de Poemas “Um Suspiro Resgatado”, ambos pela Editora Panóplia. Pela Editora Panóplia publicou os livros “Terras e tramas sertanejas”, “Sapo Tobias” e “Terror não tem tamanho”, além de ter participado de diversas antologias com o

Antologia Mulheres de Raízes e Asas

selo da Editora. Ganhou por três vezes o prêmio literário de melhor conto de Matias Barbosa.

Escritor: Gilson Salomão Pessoa

Raiz que se ergue

Nasceu mulher — não para dobrar, mas para desdobrar.

Não para calar, mas para sussurrar verdades que o mundo temia em nomear.

Nasceu com o ventre que gesta mundos e o punho que desmonta muros, com a ternura que acalma tempestades e a coragem que incendeia silêncios.

Por séculos, tentaram encaixá-la em moldes estreitos: a donzela, a mãe, a sombra.

Mas ela não é moldável — é magma.

E o magma, quando contido, um dia irrompe.

Hoje, ergue-se não contra, mas além.

Além do medo que lhe ensinaram como virtude.

Além do lugar que lhe apontaram como limite.

Ergue-se com os pés na terra e os olhos no infinito, sabendo que sua força não compete — completa.

Empoderar-se não é vestir a armadura do outro, mas reconhecer a armadura que já traz na alma.

É entender que o direito de escolher — seus sonhos, seus amores, seu corpo, seu tempo — não é concessão, é essência.

E nas ruas, salas, cozinhas, laboratórios, palcos e campos, ela avança.

Com as mãos calejadas de quem constrói o futuro, com a voz firme de quem já cansou de pedir licença para existir.

Porque ser mulher é ser raiz e ramo ao mesmo tempo: ancorada na história, estendendo-se em direção à luz.

E cada passo seu é um verso novo na poesia viva da liberdade.

— E que ninguém mais duvide: onde há uma mulher que sabe seu valor, há um mundo que começa a mudar.



Gisele Starck, 44 anos, casada com Jones Carvalho e mãe de quatro filhos da sua alma e coração. Escritora há mais de 20 anos, começou a escrever poesias e romances quando ainda era adolescente e retornou com força total quando completou 18 anos e assim fez da escrita sua maior paixão. Ao longo desses anos seu forte sempre foi romance e escreveu 64 livros, sendo 8 suspenses e 56 romances. Lançando seu primeiro livro físico em 2017, “A Fazenda” (romance), “Reformando Vidas” (romance), “Manipulando seus Pecados” (suspense), “Desvendando seus Pecados” (suspense), “Liberte-me dos Pecados”

(suspense), “Apocalipse dos Pecados” (suspense), “Despertar da Alma... Criando Conexões” (romance), “Dança é Vida” (romance), Um Novo Despertar... O Passado Ficou Para Trás. (romance) e Um culpado entre nós (suspense). Também publicou um jogo de detetive com o qual tem vínculo com seus suspenses. E dois diários de uma das personagens da Saga dos Pecados, como se fosse escrito pela personagem. Já participou de várias antologias em Editoras diversas e algumas na Editora Panóplia. Também é membro oficial na AILB (Academia Internacional de Literatura Brasileira) e membro convidada pela FLAL 2025.

Escritora: Gisele Starck

Sua alegria e força me encanta!

Escrevo aqui sobre a história real de Drica, repleta de coragem, guiada pela espiritualidade e sustentada pela liberdade. Uma mulher com raízes fortes e determinada a voar longe.

Drica nasceu menina de fazenda, criada entre a terra, o silêncio e a força da natureza.

Desde cedo aprendeu a escutar o invisível e a respeitar o tempo das coisas. Cresceu com raízes profundas, mas nunca com medo de partir. Mudar sempre foi parte de quem ela é. Ser livre, uma necessidade da alma e isso ela demonstrava em suas peraltices quando criança (uma verdadeira moleca). O amor que recebia de seus pais, curavam a dor das palavras de outras crianças, pois as crianças conseguem ser más quando querem. Nem

todos entendiam como aquela menina dos olhos claros e sorriso fácil, era esforçada, inteligente, porém, aventureira. Ah! Como ela sabia se divertir e curtir cada momento, mesmo com dedos apontados para ela, não conseguiam apagar o que nasceu para brilhar. A força feminina me encanta e Drica é mais uma dessas mulheres incríveis que tive o prazer de conhecer.

Nada lhe foi entregue com facilidade. Houve dor, perdas, silêncios e momentos em que o sonho parecia distante demais para continuar acreditando.

Ainda assim, ela permaneceu. Cada obstáculo exigiu coragem. Cada espera cobrou fé.

Cada lágrima fortaleceu a decisão de não desistir.

Entre desafios profundos, decisões difíceis e momentos de silêncio, ela seguiu em frente sem abandonar quem era. Com lucidez e sensibilidade, transformou obstáculos em aprendizado e amadurecimento. Nada foi fácil, e exatamente por isso, tudo foi verdadeiro.

Deixou o Brasil, atravessou o oceano e foi morar em Portugal, longe da família e de tudo o que lhe era conhecido. Estava acompanhada de seu amor, um homem experiente e inteligente que a conquistou. Era tudo novo, mas sabia que era onde deveria estar naquele momento e que junto dele, conquistariam outros lugares. Juntos precisaram reconstruir chão, identidade e voz. Houve medo, saudade e dor... Mas também expansão, amadurecimento e descoberta de si.

Amparada pela Umbanda, pelos guias e ancestrais que caminham ao seu lado, enfrentou provas que não cabem em palavras.

O sonho de ser mãe foi entregue ao sagrado, vivido no tempo certo do espiritual. Esperou, caiu, levantou e nunca esteve só.

Esta parte falo do axé... A voz de uma mulher que honra suas origens, atravessa fronteiras e se recusa a caber em limites impostos. Ao conquistar o sonho de ser mãe, ela também conquistou o próprio lugar no mundo. E prova que quem anda com fé, verdade e liberdade nunca caminha em vão. Quando a força humana falhava, a fé sustentava. O sonho de ser mãe não foi apenas desejado, foi defendido, sustentado e vivido com a alma. Quando muitos teriam recuado, ela escolheu avançar.

Este relato não romantiza a caminhada. Ele revela a verdade: o cansaço, o medo, as dúvidas e a força que nasce exatamente nesses momentos. É um testemunho real de uma mulher que enfrentou limites impostos pela

vida e os atravessou com dignidade, consciência e amor. E amor ela tem de sobra para quem realmente lhe quer bem. É uma amiga incrível e que não mede esforços para ver as pessoas que ama, felizes (tenho sorte de ser uma delas).

Ela aprendeu cedo que a força de uma mulher não está apenas no que ela enfrenta, mas na maneira como escolhe continuar. Inteligente, determinada e profundamente sensível, percorreu caminhos onde muitos duvidaram, mas nunca permitiu que a dúvida definisse seus passos. Chegando onde muitos duvidavam, mas sei que não nem a metade de onde sei que ela ainda vai chegar.

Tenho muito orgulho dessa mulher incrível e sei da sorte que tenho em fazer parte da minha vida.

Escritora: Gisele Starck

Ela descobriu que tem asas

Desde cedo tentaram apagar o brilho daquela mulher. Diziam que era fraca, que não resistiria às tempestades. Roubaram-lhe sonhos, arrancaram-lhe o filho dos braços e deixaram cicatrizes profundas na alma. Ainda assim, ela permaneceu de pé, mesmo quando o chão parecia desabar sob seus pés.

Carregou o peso da dor e, com o coração ferido, lutou pelos pais até o último suspiro deles. Foi enfermeira, guardiã, consolo e força. Chorou em silêncio, mas nunca desistiu. Cada lágrima que caía era uma semente de resistência, germinando no solo da sua fé.

Quando acreditava estar completamente só, Deus enviou alguém que enxergou além das feridas, que viu o brilho escondido sob as cinzas. Essa pessoa lhe mostrou o espelho da alma e revelou o que ela mesma não via: uma escritora adormecida, uma mulher feita de palavras e coragem.

Foi então que ela começou a escrever. No papel, encontrou abrigo. Nas palavras,

descobriu asas. Cada texto era um voo, cada história uma cura. A dor transformou-se em poesia, o silêncio em voz, e o passado em força.

Hoje, aquela mulher que tentaram apagar brilha com a luz que vem de dentro. Sua escrita é o reflexo da alma que se recusou a morrer. E, ao escrever, ela não apenas se libertou, ela ensinou ao mundo que nenhuma escuridão é capaz de apagar quem nasceu para iluminar. Essa mulher forte que sabe de suas raízes e que hoje voa livre e determinada.

Escritora: Gisele Starck

Onde Dona Irene criou raízes

Dona Irene foi uma mulher de fibra, cuja força e determinação marcaram todos que tiveram o privilégio de conhecê-la. De descendência alemã, trouxe consigo o espírito trabalhador e a disciplina de seu povo, mas foi em terras brasileiras que plantou suas raízes e floresceu. Em Petrópolis, encontrou o lugar que se tornaria seu lar, onde construiu uma vida pautada no amor, na dedicação e na coragem. Mãe zelosa, cuidava de sua família com ternura e firmeza, sempre guiada por valores sólidos e um coração generoso. Casada com Hainna, formou uma união baseada no respeito e na cumplicidade, enfrentando juntos os desafios da vida com serenidade e fé. Sua presença iluminava os dias, e seu exemplo permanece como um legado de amor, trabalho e perseverança. Dona Irene deixa lembranças que o tempo não apaga... O sorriso acolhedor, as palavras sábias e o carinho que

transbordava em cada gesto. Sua história é um tributo à força feminina e a determinação de jamais desistir perante as dificuldades.



Olá, eu sou João Bernardo de Souza Freire, tenho 19 anos. Nasci e cresci em Petrópolis, uma das cidades mais belas do estado. Desde pequeno, fui ensinado a cantar, tocar instrumentos, atuar e, indiretamente, a escrever. Atualmente estou morando em Juiz de Fora. Meus familiares e amigos me descrevem como um caso clássico de "velhice precoce". Apesar disso, tornei-me um ser pensante e crítico de tudo que a sociedade tende a normalizar de forma a não ferir velhos

costumes desrespeitosos e resultantes de gerações de condicionamento. Sou também poeta, escritor e amante das mais profundas artes do ser. Escrevo fantasias, romances e poesias. Participei da Antologia Edifício Solaris. Amo gatos, cães e, em especial, a vida marinha. Atualmente, estou cursando enfermagem por necessidade de ser aquilo que me parece uma utopia: o pupilo de Florence Nightingale.

Escritor: João Starck

Rotina

A gente não sabe o que é ser mulher.
Se é inventivo, até onde é preciso seguir
métrica, estilo, ser abrigo?
Cuidar do silo, outrora tocar o sino
e declarar a boia.
Dizem que é instintivo.
Instintivo mesmo é soltar sorriso,
não chorar por mais uns quilos.
Mas ainda assim — o que é?
Exatamente isso que busco:
saber ser mulher.
Brincar, sorrir, gozar de existir.
Eximir-se da culpa deles não serem fortes,
exibir semblante reluzente
diante de gente que mata a gente.
Não querer, mas ser.
Não sentir a patente
de estender no varal
o sonhar abafado.
Agora varre o quintal e faz o jantar,
serve quente: bocas famintas
mordem teu seio para que cesse o choro.
Rasga o peito
e chove sobre a língua do teu fruto.
Não dorme.

Vive dando indulto a adulto
que habita campos de flores
e, no fim, reza
pra se convencer
de que isso é ser mulher.
Espalha beijo que acalma o desespero,
acalenta a alma que clama
pela resposta
que o tempo esconde de nós.
O mundo te encana,
teu corpo te engana
e quando se — ou me — vê,
mais um e menos dois:
sonhos, desejos e dias.



Ane Forcato é paulista e vive no interior do estado desde bem jovem. Graduada em Filosofia pela Universidade de Sorocaba, especializou-se em língua inglesa na Escócia. Leitora assídua desde a infância, lecionou inglês por duas décadas, até se descobrir e se realizar como tradutora literária. Entre suas traduções publicadas estão Anne de Windy Poplars, Anne de Ingleside e O Vale do Arco-íris, volumes da clássica série canadense. É tradutora entusiasta de Graphic Novels europeias e americanas, entre outros formatos de quadrinhos adultos. Romancista contemporânea, publicou a trilogia

"TOKIO", "Tudo em Você, Tudo em Mim", e "Ryo Nishikido e Eu, uma Fanfic", romances que visitam o universo nipônico no Brasil. Seus trabalhos independentes trazem biografias e versões digitais em inglês de seus romances, como romances e contos de escritores diversos. Como contista, participa de diversas antologias com temas inovadores e inquietantes. O livro é seu mundo, seu lar e seu amante.

Escritora: Ane Forcato

Forô e Dona Cecilia

Não sou uma celebridade, apesar de leonina. Sim, as pessoas falam que leonino é capaz de alcançar bons holofotes, sendo corajoso, vaidoso, talentoso e tanto oso. De todas as possibilidades herdei o guloso, e a vida é assim: lutando contra algum tipo discreto de compulsão alimentar, a válvula de escape de uma timidez fora de contexto no zodíaco.

Oras, se não é uma introdução vaidosa, afinal!

Desta forma, apesar de introvertida e afeita a prazeres culinários, aos quarenta e poucos eu cheguei lá! Não a celebridade, mas a escritora publicada. Com muito orgulho. E isso é muito leonino.

Ter alguns títulos nas livrarias, deparar-me com as capas dos livros nas redes sociais, nas casas de amigos e parentes, em todas essas estantes, cheia de glamour ao lado de escritores que me inspiraram a vida inteira... ah, isso é uma grande vitória.

Por outro lado, se nos dias de hoje muitas pessoas arriscam expor seus corpos por fama e dinheiro nas mídias sociais, acredito que poucos arrisquem expor em livros as suas mentes, angariando críticas nem sempre favoráveis, em um mundo que lê menos do que lia no passado. É um desnudar violento.

Como vim parar aqui?

Uma única sombra de tristeza cobre meu olhar quando penso no passado, na minha história e nas pessoas que chegaram até aqui comigo. Pois alguém que me inspirou, não me viu em sua estante.

Desde criança sou apaixonada por livros. Venho de uma família metade italiana e metade paulista. Os imigrantes nada possuíam e os brasileiros, gente antiga sem posses interessantes. Logo, os livros eram uma espécie de tesouro para essa criança sem brinquedos.

Antes de aprender a ler, o objeto livro já era o meu companheiro e eu buscava os ilustrados, em geral as belezas marinhas de Jacques Cousteau e as feiuras infernais de Dante!

Avó Tiana morava no bairro vizinho e éramos próximos. Os filhos e netos não se dispersavam: a diversão era garantida na hora das histórias que cobriam desde os mitos gregos de heróis e sábios, até causos folclóricos. Tinha de tudo um pouco na casa da Avó Tiana, e era tudo regado a riso e lanche.

Não fui uma criança da mão furada: não quebrava e nem perdia as coisas, então tinha o benefício da benevolência dos mais velhos, que deixavam tudo ao meu alcance. Eu era a caçula recatada que desvendava o segredo dos álbuns, dos recortes, dos guarda-roupas, enquanto a garotada maior brincava correndo na rua. E como me doeu constatar que todos os guarda-roupas tinham o fundo sólido e não, o Leão não estava do outro lado ao meu alcance!

Foi uma decepção saber que apenas crianças inglesas viviam aventuras maravilhosas, enquanto as brasileiras só contavam com monstros da selva, e nem isso era possível ver, sendo uma paulista urbana. Dessa forma, fui acumulando histórias, muitas delas contadas pela querida avó Tiana, que nasceu em uma colônia de fazenda no interior de São Paulo. Ela foi uma das filhas que ficaram em casa, sem acesso aos estudos. Escola não

era para todos naquela época. E aquela bonita menina dos olhos verdes cresceu, tornou-se adulta, casou-se, trabalhou em vários empregos diferentes, teve seus filhos e os educou, e sua satisfação era ver mais uma das pessoas da família ia para a universidade. Ela viveu uma vida plena, gostava de viajar sozinha e inclusive fez viagens aéreas, desbravando o país. As pessoas se admiravam de sua esperteza, perguntavam se ela não tinha receio de fazer tantas coisas sozinha. E ela dizia, convicta:

— Eu e Deus.

Com essa companhia, eu também seria corajosa nas idas e vindas! Contudo, apesar da vida tão independente, Tiana nunca aprendeu a ler. Ela tentou em várias ocasiões durante sua jornada. Alguma ansiedade nunca lhe permitiu abrir os olhos para as palavras escritas.

O meu avô, à guisa de elogio, falava que se ela aprendesse a ler, botaria fogo no mundo. Eu achava lindo quando ele falava isso, e ela achava também, pelo elogio em si e por ele vir do marido, que a conhecia muito bem e não falava só da boca para fora.

E como eu adorava o caderno de receitas de minha avó, era melhor que o da Dona Benta, com toda certeza. Acredita que ela desenvolveu um código muito próprio, parecido com hieróglifos egípcios? Assim ela escrevia a sua experiência culinária com vacas e galinhas para leite e ovos, hastes de trigo e canas de açúcar, frutas e o pote de margarina.

Sobre o móvel da máquina de costura no quarto de visitas, havia um porta-retrato.

Quando o primeiro neto nasceu, Tiana fez um retrato comemorativo em estúdio profissional.

Um bonito meio perfil, com o sorriso de mais uma etapa concluída: a vovó em seu novo papel familiar. Com o tempo, ela e o retrato permaneceram com uma beleza atemporal.

Certo dia eu perambulava pela sua casa onde sempre me deram livre acesso para remexer à vontade. Mesmo adulta, eu ainda gostava de visitar os cantinhos que me acolhiam na infância. E sobre a tal máquina de costura havia um segundo porta-retrato. Era uma foto bem conhecida, em preto e branco, da Cecília Meireles. Não havia nenhuma necessidade de perguntar a razão daquela foto estar ali. Tiana Franco e Cecília Meireles pareciam irmãs, eu poderia até estar diante de gêmeas. O sorriso largo, os cabelos grisalhos e arrumados de um jeito meio rebelde. E o olhar... Ah, o olhar!

— Vó, a senhora conhece a Cecília Meireles?

Fiquei intrigada porque ela não sabia ler.
De onde conheceria uma escritora?

Ela respondeu com simplicidade:

— Ela faz versos.

Tiana às vezes ficava o dia inteiro ouvindo as músicas do rádio. Sabia poesia e rimas cantadas.

Emocionada, fui para casa procurar o livro da Cecília Meireles que queria ler para ela, e no dia que voltei com ele debaixo do braço, ainda senti a estranha emoção. Eu lhe disse que ia ler uma poesia da mulher do retrato sobre a máquina de costura. Ela se sentou ao meu lado, atenciosa. Li alguns trechos, nunca me esqueço da descrição das duas borboletas esvoaçando e parecendo uma só, refletida no espelho do ar. Ela ouviu com um sorriso cheio de ternura para mim, e depois respondeu apenas com um:

— Que bonitinho, meu bem.

Então eu fechei o velho livrinho e o estendi para ela. Queria que de alguma forma o objeto livro a tocasse como era tocante para mim. Minha avó reverenciava os livros, ela achava que todos eram importantes. Ela o segurou e não o abriu. Eu agradei intimamente por isso, pois seria demonstrar um interesse postíço: as palavras ali dentro impressas não lhe diziam nada. Manuseando o livro de um lado para o outro, quando viu na contracapa a fotografia da escritora, com seu meio perfil elegante e o sorriso franco, Tiana se iluminou.

Sendo a imagem o seu elemento, a fotografia ela podia ler! Enchendo o peito, mostrou a fotografia para o meu avô, que passava pela cozinha:

— Olha, Dida, a mulher que é parecida comigo.

De cima da máquina de costura, os dois retratos exibiam os sorrisos idênticos das duas mulheres, tão idênticas, tão diferentes.

Sinto saudade dela, ainda me lembro com nitidez da sua voz, apesar de tantos anos já terem se passado. Eu não pude lhe dar o prazer de pegar os meus livros nas mãos idosas. Ser alfabetizada era um luxo no seu tempo, e hoje nada é além de nosso mais corriqueiro dever.

Corriqueiro sim, porém indispensável. E sempre será um luxo, pois abre as portas da comunicação entre todos os seres humanos.

Tiana nunca aprendeu a ler e não chegou a acompanhar minha jornada literária.

Quanto a mim, tenho a sorte de viver com a cabeça no mundo da lua, homenageando as mulheres da família, cada qual com sua luta diária, mais branda ou mais ferrenha. Meus

livros as acompanham, e deixam o fardo um pouco mais leve de quando em quando.

Uma única sombra de tristeza cobre meu olhar quando penso no passado, na minha história e nas pessoas que chegaram até aqui comigo. Pois Tiana me inspirou e não me viu em sua estante.



Eliane Cristina aprendeu com as palavras a rir e a chorar. Viaja pelo tempo por uma passagem secreta, descoberta em memórias e nos livros, seus amigos de primeira hora. Na vida, o sentido é não esquecer que tudo passa, mas as palavras... ah! as palavras, essas se unem com outras e permanecem em todos os tempos, são imortais.

Escritora: Eliane Cristina Barbosa

Feminino

Infinitas vezes,

O vento a lançara no chão

Recompunha-se,

Às vezes com dor,

Mas voltava e esquecia.

Não quebrava.

Cuidava dos frutos machucados,

Minúsculos como gotas de orvalho,

Era semente de dente-de-leão:

Viajava nas asas da brisa.

Mas houve um dia...

Quebrou com o tufão.

Escondidas na terra,
Raízes densas,
Buscavam recuperação.
Sementes,
Espalhadas pelo vento,
Germinaram e cobriram o solo,
Renasceram de distintas formas
Cada qual com sua lição:
Para colorir,
Para alimentar,
Para enfeitar.
E assim, ao metamorfosear raízes,
Aprendeu a se eternizar...



Aeraneide Matos, conhecida artisticamente como Lacinho Verde, é mulher de muitas travessias: filha, esposa, mãe e educadora. Entre a Administração e a Pedagogia, escolheu a palavra como morada. Contadora de histórias, recriadora e escritora, transforma experiências em narrativas sensíveis que educam, acolhem e despertam memórias. Participa de diversas antologias e assina livros solo, onde sua escrita revela humanidade, escuta e pertencimento.
@lacinho_verde

Escritora: Aeraneide Ferreira de Souza Matos

*"O Despertar do Feminino" Ou "Tecendo
profundamente o meu feminino"*

Nasci na década de 60,
quando os homens valiam mais que as
mulheres,
num tempo patriarcal,
onde minha mãe não escondia sua
preferência.

E eu, menina, buscava sua audiência.

O que fazer então?

Aos 8 ou 9 anos,

quis ser menino,

para jogar bola

e ter os privilégios que eles tinham.

Dotes caseiros?

Nunca os tive.

Cozinhar, lavar, limpar ou passar?

Sempre dei um jeito de terceirizar.

Queria mesmo era ser independente,

ganhar dinheiro,

conquistar o apoio materno.

Por volta dos 20,

camisas masculinas de marca passei a
comprar,

e meu irmão caçula, Edgar,

queria comigo compartilhar.

Aos 23,

quis tirar minha habilitação,

mas, ouvindo minha mãe,

cedi minha vez ao meu irmão.

O tempo passou...

Me profissionalizei, casei,

construí patrimônios, plantei árvores,

escrevi livros, tive um filho.

Sempre a trabalhar, a cuidar de outros.

Fazendo, fazendo, fazendo...

"O tempo não para", já dizia Cazusa,

e passou veloz.

Muitas mudanças aconteceram:

internas – quem me conhece percebe,

externas – visíveis aos olhos.

Mudanças no mundo...

Agora, sinto que preciso desacelerar,

diminuir o ritmo,

me olhar,

me permitir ser cuidada.

Parece fácil, mas não é!

Deixar o controle,

permitir que a vida me leve,

resgatar meu feminino.

Às vésperas de uma década de busca
interior,

a pergunta ecoa:

Quando o seu feminino irá aflorar?

Ser leve, livre,

recriar, divertir, viajar,

me deixar ser amada?

Está na hora de me maquiar.

Minha terapeuta diz:

"Você é artista das palavras.

Maquiar-se é como pintar uma tela,
com suas nuances e camadas".

E assim, camadas se sobrepõem:

prime, protetor, base, pó,

blush, iluminador, sombras,

delineador, lápis.

Sobrancelhas alinhadas, cabelos soltos,

me vejo no espelho:

Uau! Seis décadas.

Hora de trazer jovialidade e feminilidade
ao meu olhar.

Na clínica Ápice, em Maceió,

mãos habilidosas cuidam de minha pele.

Me permito.

Minha intuição desperta,
minha escrita recria,
meu riso se solta,
minha energia se equilibra.

O feminino se manifesta:
intuição, criatividade,
empatia, receptividade,
adaptação.

Universo, traga-me tudo o que tens
reservado para mim.

E, como um sinal,
sou chamada ao Departamento Pessoal:
um lindo porta-joias,
celebrando o que sou –
Mulher. Feminina. Feliz.

Escritora: Aeraneide Ferreira de Souza Matos

Caminho de dentro

O inverno chegou, trazendo com ele as neblinas, as chuvas frias e o vento falante.

Nessa estação, o corpo pede calor, agasalho e chás quentes.

Preciso trabalhar, e, no percurso, me perco em meus pensamentos e sentimentos.

Há momentos em que os sentimentos são estranhos — melancolia, saudade... solidão ou solidude?

Pelo vidro do carro, avistei um pássaro voando alto sobre a chuva fina, em busca de abrigo no alto de um coqueiral.

Ao meu lado, jovens falantes com seus assuntos corriqueiros e caminhos pelos quais eu já percorri.

Vejo meu reflexo no vidro e as marcas do tempo em meu rosto, mesmo maquiado.

Não me entristeço — afinal, vivi para recebê-las.

Sigo em silêncio, ouvindo e observando.

De repente, à minha frente, avisto — sob a fina chuva e um possível raio de sol — um belo arco-íris, lembrando-me da aliança feita com o ser humano.

Fico feliz.

Não é solidão, é a oportunidade de compreender e me aprofundar ainda mais na minha solidude.

E é com esse sentimento e pensamento contínuo que sigo... até chegar e escrever este conto.

Escritora: Aeraneide Ferreira de Souza Matos

Entre o susto e o sorriso

Qual é o sentimento que surge quando uma mulher, na casa da meia-idade — ou já com mais de 60 —, recebe pelo WhatsApp uma cantada de alguém que não conhece, alguém mais jovem, chamando para um encontro e deixando no ar a possibilidade de intenções?

Certamente ela se surpreende, e isso provoca um misto de lisonjamento, felicidade e talvez até confusão. É normal? É verdadeiro? Ficam os questionamentos no ar...

Como compreender essa mistura de emoções? Teria a ver com o ego, com a autoestima ou com a necessidade humana de ainda se sentir vista e desejada?

Pensa, reflite: sabe que é bem resolvida no meu casamento, solidificado há mais de trinta anos.

Então, com um sorriso no canto da boca, silêncio essa conversa.

Na verdade, bloqueia.

Escritora Aeraneide Ferreira de Souza Matos

A menina que ainda me chama

Aos seis anos, eu corria descalça, acreditando que o mundo cabia dentro do meu quintal.

Uma pedrinha era um tesouro, uma nuvem se transformava em animais, E pessoas, natureza...

E o tempo era apenas um espaço infinito para brincar, sem nem me lembrar de comer.

Hoje, aos sessenta, caminho com passos mais serenos.

Carrego histórias, memórias e marcas que o tempo me ofereceu. Mas, no fundo do peito, ainda mora aquela menina inquieta, a quem convido diariamente para brincar comigo.

Às vezes, quando me pego séria demais, ela aparece e sussurra:

— Ei, vem brincar comigo!

E eu sorrio.

Porque descobri que não houve distância entre a criança e a mulher — apenas uma longa ponte feita de anos e experiências.

De um lado, a inocência; do outro, a sabedoria.

E, no meio, o convite eterno: viver é nunca deixar de brincar.

Escritora: Aeraneide Ferreira de Souza Matos

E então, ela se encontrou

Era uma vez uma criança que demorou a dar seus primeiros passos, fragilizada por doenças comuns à época. Desde muito cedo, buscava ser vista — especialmente pela mãe e pelo pai.

Era ativa, criativa, iluminada, apaixonada pela chuva, pelas cores, pelas brincadeiras, pelas histórias e pelas músicas. Trazia sempre a cabeça cheia de sonhos.

Cresceu venerando a mãe, imitava cada gesto, cada detalhe. Aprendeu com ambos os pais a alegria e a diversão, mas também a raiva e o medo. O medo, especialmente, a acompanhava de perto. Sem saber lidar com ele, buscava fugir do que a assustava pedindo para dormir, acreditando que, ao acordar, não precisaria enfrentar aquilo que a incomodava. Era assim sua infância e sua adolescência: um constante diálogo com o medo. Ainda assim, seus projetos — mesmo tardios — sempre aconteciam.

Em determinado momento, já adulta, sentiu-se profundamente incomodada com sentimentos pesados que a atravessavam. Era como se estivesse presa em um beco estreito, sufocada por uma visão distorcida de si mesma. Lamentou, chorou, questionou. Não sabia quem era. Viu em si uma versão que não lhe pertencia.

Assombrada pela descoberta, decidiu buscar sua própria essência. Embora o amor recebido tivesse sido pouco, acreditava que somente o amor era capaz de reconstruir, perdoar e curar. E fez disso o seu propósito: tornar-se uma pessoa melhor em todos os pilares da vida.

Após um processo longo, solitário e nada acolhedor, renasceu. Renasceu com identidade, com consciência, com coragem. Prometeu a si mesma que, enquanto vivesse, buscaria prazer e alegria, vivendo um dia de cada vez.

Retornou aos estudos, ingressou em nova pós-graduação, mergulhou em oficinas de canto e escrita criativa e começou a escrever seu segundo livro e antologias por várias editoras.

Enxergou a possibilidade real de uma transição de carreira e se perguntou: “Por que não?”

Ela sabe — no fundo da alma — que o melhor chega um pouco a cada dia.

Escritora: Aeraneide Ferreira de Souza Matos

*Ⓢ Silêncio me chamando pelo nome:
Aeraneide, Neide, Neidinha...*

Chegar aos sessenta é como entrar em um cômodo da vida onde a luz muda de lugar e de tonalidade. Tudo fica mais suave, mais nítido e, ao mesmo tempo, mais profundo. Na solidude, tempo esse da minha existência, é como abrir a porta de casa depois de uma longa viagem, deixando a claridade entrar.

A solidude me chama pelo nome antigo, aquele que eu usava antes de ser tantas versões para outros. É um retorno à minha essência, à minha existência. Estar só não me assusta mais; é como se, enfim, eu pudesse sentar ao lado de mim mesma e dizer: “Agora sim, vamos conversar?”

O silêncio, que antes era sombra, tornou-se acolhedor. Ele não incomoda, não oprime, não pesa. Pelo contrário: respira comigo. A vida, antes cheia de urgências e preenchida demais, agora se expande com generosidade. Há espaço para criação, para respiro, para ser.

É nesse espaço que a minha alma descansa — afinal, já não preciso provar mais nada para ninguém.

Descobri que voltar para dentro é permanecer inteira. É reconhecer minha presença como um território seguro. Diminuir as cobranças, aliviar o peso nos ombros, tratar a mim mesma com um pouco da ternura que sempre ofereci aos outros. Ao olhar para trás, vejo uma estrada comprida, feita de história, coragem e superação. Mais de seis décadas. É tempo suficiente para entender que a vida tem seus próprios modos de ensinar.

Agora caminho no meu ritmo. Respiro fundo. Observo. Me calo. Ouço. Contemplo o belo — o vento na cortina, na varanda, ora suave, ora intenso, querendo dizer-me algo ou é apenas para senti-lo? A luz da manhã, os variados sons e danças dos sinos dos ventos, o canto que escapa dos pássaros, outros que voam cantando e um outro que ficou mais atrás. O céu, que sempre muda de cor e de humor. Tomo banho sem pressa, preparo um café sem ansiedade, molho as plantas, cultivando o amor como quem reza.

Escrevo quando o coração me chama. Caminho olhando para cima, imaginando

formas nas nuvens — resgate da minha infância. Escuto a goteira, que cai depressa e vai diminuindo o seu ritmo, no seu tempo.

Cuido dos silêncios — dos externos e dos internos. Quando os pensamentos aceleram, deixo que passem como chuva de verão. Não preciso mais preencher todos os minutos para provar que estou viva.

Na solidade reencontro meus antigos prazeres: dançar sozinha, gargalhar alto, viajar com olhos maduros, aprender algo novo como quem descobre um brinquedo.

Desenhar, pintar paisagens, releituras, o mar, pintar, caça palavras, jogar uno, xadrez...

Converso comigo, faço orações baixas, crio diálogos internos gentis. Descanso sem culpa: na cama, no sofá, na rede, na cadeira à beira-mar. Escolho conviver por conexão e não por convenção. Reconheço erros e acertos sem o chicote — apenas com a verdade mansa que o tempo me deu.

Celebro o agora — porque é nele que a vida existe de verdade.

Nesses dias em que caminhei sem Elton por perto, percebi que a solidade não é

ausência; é reencontro. Não é solidão; é presença.

Presença minha, inteira, livre e amadurecida.

É nessa fase que estou. Aprendendo com o novo.

É nesse lugar que aprendo, enfim, a estar.

Escritora: Aeraneide Ferreira de Souza Matos

"Nicole, o Grito da Madrugada"

A madrugada ainda não tinha decidido se era noite ou manhã quando encontrei Nicole.

Olhos perdidos, corpo sujo, cabelo embaralhado pelo vento e pelo mundo.

Era bonita — isso era impossível não perceber — mas estava tão quebrada que a própria beleza parecia um pedido de socorro silencioso.

Ela gritava.

Gritava como quem luta contra algo que ninguém vê.

Como quem procura uma porta que não sabe onde fica.

Palavras de baixo de calção, palavrão engolindo o seguinte, o álcool escorrendo junto com a

dor.

Um corpo exposto, nervoso, ferido por dentro e por fora.

E aquele homem ao lado, arranhado, choroso, perdido, segurando a bolsa como quem segura o resto do que sobrou.

A polícia chegou, olhou, mediu a cena e nada pôde resolver.

Como resolver o que não cabe em algema?

Como prender o que é grito, trauma, abandono e dependência?

Fiquei ali, olhando.

Entre o susto e a compaixão.

Entre o medo e o desejo de socorrer.

Quando ele se aproximou dela, algo em mim se aproximou também.

Olhei fundo nos olhos de Nicole — olhos onde ainda restava um fio de consciência balançando — e disse apenas:

— Chega.

Minha mão encontrou a dela, gelada, frágil, entregue.

Ela parou.

Não muito.

Mas o suficiente para ouvir uma voz que não estava gritando com ela, mas por ela.

Levei Nicole ao banheiro.

Lavei o rosto que carregava a noite inteira.

Virei o top do avesso ao lugar certo.

Devolvi a ela pequenos pedaços do que chamamos dignidade.

Dignidade: às vezes é só água no rosto, um pano com sabão, um café quente, alguém dizendo “eu estou aqui”.

No salão ela chorou.

Eu ouvi.

E por alguns minutos, o mundo pareceu respirar outra vez.

Quando o companheiro retornou, carregava nos olhos um desespero que não cabia nos bolsos.

Nicole ameaçou, chorou, se agarrou a ele como quem se agarra ao precipício.

Meu carro chegou.

Eu precisava ir.

Disse a ela que ficasse bem — e ela ouviu.

Vi os dois saírem caminhando, lado a lado,
rumo a algum lugar que chamavam de casa.

E enquanto eles desapareciam pela rua,
senti dentro de mim um alívio e uma tristeza
misturados.

A vida é estranha.

Às vezes nos chama para resgatar um
desconhecido — e nesse resgate, resgatamos
algo de nós mesmas.

Escritora: Aeraneide Ferreira de Souza Matos

A Pele, o Medo e o Silêncio

Ela apareceu cedo, quando o dia ainda bocejava.

O relógio marcava pouco depois das seis e a casa, ainda sonolenta, guardava aquele

silêncio que só a madrugada conhece. Eu ia sair. Vida em movimento. Rotina. Mas o inesperado também tem seus horários.

A cobra estava no quintal.

E não era símbolo naquele instante. Era presença. Corpo. Medo.

Meu gato, meu xodó, curioso e inocente, a acompanhava com o focinho atento. Ali, o pensamento não foi espiritual. Foi primitivo. Proteção. Instinto. As crenças antigas despertaram — aquelas que moram fundo, alimentadas por histórias, mitos e passagens bíblicas que ensinam a temer antes de compreender.

Fechei as portas. Cerquei o medo com panos. Tentei afastar a ideia.

Mas o medo não se fecha. Ele exige decisão.

Voltei com uma vassoura nas mãos e o coração acelerado. Empurrei a cobra para o canto do muro. Num ímpeto que não veio da razão, mas do corpo, atirei pedras. Não por ódio. Por pânico. Por ignorância. Pela necessidade urgente de cessar o perigo.

Quando a coloquei na sacola e a levei para fora, ela ainda se mexia. Ferida. E ali, entre o medo e a coragem, fiz o que hoje reconheço como duro, definitivo, humano demais. A vida cessou. O silêncio voltou.

Depois, veio o peso.

E com ele, o alívio.

O gato estava vivo.

A casa, segura.

E eu, atravessada por emoções que não cabem em julgamentos fáceis.

Matei um réptil indefeso por medo.

E nomear isso não me diminui — me revela.

Horas depois, já em mim mesma, compreendi: a segunda volta de Saturno não poupa ninguém das próprias sombras. Ela nos coloca frente a frente com aquilo que somos quando a consciência ainda não teve tempo de chegar.

A cobra, que troca de pele para seguir, deixou em mim uma lição: nem toda coragem é bonita, nem toda escolha é limpa, mas toda consciência que nasce depois é um passo a mais em direção à maturidade.

Algumas peles caem com dor.

Outras, com culpa.

E há aquelas que caem silenciosamente, ensinando que crescer também é aprender a se perdoar.

No quintal, ficou o chão.

Em mim, ficou o aprendizado.

Escritora: Aeraneide Ferreira de Souza Matos

A Dança do Lençol

Hoje o dia amanheceu com uma ventania agitada e falante.

O sol, quente e brilhante, ocupava o céu com algumas nuvens dispersas, como quem observa tudo sem interferir.

Finalmente chegou o dia da minha folga.

Dormi um pouco mais. Levantei, retirei e troquei os lençóis e fronhas da cama. Deixei tudo de molho — como quem suspende o tempo — e fui para a academia fazer o meu treino.

Ao voltar, os afazeres da semana me aguardavam acumulados. Peguei a vassoura, comecei a varrer e pedi ao meu filho que limpasse a casa enquanto eu cuidaria da lavagem das roupas de cama.

Meu esposo, que também fora comigo, preparava o seu café. A porta dos fundos permanecia fechada por causa do vento, para

que a chama do fogo não se apagasse. Eu suava do lado de fora, atravessada pelo calor.

Ao abrir a porta, fui grosseira. No gesto apressado, acabei derramando o lixo no chão da cozinha.

Nesse instante, meu esposo disse se arrepender de ter pedido a troca da folga. Disse que, diante da minha grosseria, preferia ficar só.

A frase ecoou em mim com insatisfação. Reafirmei ser desnecessário, disse que também prefiro folga só, e enterrei o assunto. Permaneci emudecida.

Terminei minhas tarefas, almocei e decidi enxaguar outro lençol — o último que meu filho havia colocado de molho.

Ao estendê-lo, a ventania estava brava, quase furiosa, surrando o tecido entre o varal e a parede. O lençol parecia irritado, tomado de raiva, esvoaçante. Batia com tanta força que o afastei da parede, com medo de rasgá-lo. Mas ele seguiu em sua fúria.

Às vezes, o vento diminuía. O lençol se estendia no ar, quase em paz. Mas logo a impetuosidade voltava, sem pedir licença.

Foi então que percebi: aquele lençol e aquela ventania se pareciam com o meu temperamento.

E assim, essa dança frenética seguiu até que o excesso de água se esgotasse e, aos poucos, o tecido começasse a secar.

Levantei-me. Caminhei por dentro dele. Acariciei-o, deslizando minhas mãos, como quem reconhece a própria tempestade.

E a dança continuou...

Escritora: Aeraneide Ferreira de Souza Matos

Amizades prolongadas: entre raízes e asas

Surge um sentimento delicado de frustração.

Não é apenas a viagem que não acontece com quem convivo.

É a constatação de que os tempos internos já não caminham no mesmo ritmo, mesmo depois de quatro décadas de história.

Surge uma leve tristeza — sem briga, sem culpa.

Um certo desencaixe: você está pronta, disponível, desejosa de viver — e o outro, por razões legítimas ou não, não está.

E está tudo bem.

Decepção?

Não com as pessoas, mas com a expectativa criada.

Aceitação: de que algumas companhias pertencem mais à memória do que ao futuro.

Liberdade, ao perceber que você não precisa mais esperar.

Solidão lúcida — que não é abandono, é clareza.

Na maturidade — e isso conversa profundamente com a fase de vida que estou vivendo — a gente entende que nem toda amizade antiga acompanha os novos movimentos da alma.

Algumas permanecem no afeto.

Outras, no cotidiano.

Outras, no passado bonito que não precisa ser repetido.

E então nasce um sentimento novo, quase sereno: o direito de seguir viagem, mesmo que em outra embarcação.



Sou Simone Reis, do Rio de Janeiro, uma apaixonada pela literatura e pela vida. Sou mãe de três filhos queridos: Marcus Vinicius Reis (em memória), Emanuelle Reis Magalhães e Gabriel Reis. Tenho o orgulho de ter participado de mais de cinquenta antologias e sou autora do livro *Jeito de Ser*. Além disso, faço parte da Academia de Letras do Rio de Janeiro, sempre lutando por uma vida mais leve, cheia de esperança e com leituras que possam inspirar e espalhar boas mensagens. Minha missão é compartilhar palavras que toquem o coração e transformar vidas através da literatura.

Escritora: Simone Reis

Você merece o melhor

Não entre na vida de ninguém trazendo coisas do seu passado, tristeza, traumas e situações mal resolvidas. Entre por inteiro, não pela metade, ninguém é oficina de consertos humanos.

A vida continua, terá mudanças e caminhos a seguir em frente.

Não poderemos perder tempo em viver no passado, entenda, a vida é movimento, não podemos viver no ontem porque temos que estar no hoje.

Ao convidar alguém para sua vida, tenha certeza do que está fazendo, conserte o que está errado em você, não aceite menos, pois você merece o melhor e não seja a última opção.

Então, a vida é para ser vivida, continuar é a sua meta, recomece tudo sempre que necessário e se valorize.

Escritora: Simone Reis

Aprender a voar

Sou mulher que aprendi a voar como uma borboleta, eu aprendi a ser forte pois a vida me impôs. Ao provar da minha própria resistência, mostrei a mim mesmo que eu sou como uma árvore, tenho raiz na terra.

Nada me abala, pois eu sou uma guerreira e mãe, criei os meus filhos sozinha e, quando olhei para o céu, eu me transformei em uma águia, voei alto para superar todas as adversidades.

Venho mostrar a minha resistência, sou mulher que voa e luta todos os dias contra o preconceito, racismo e pelos meus direitos. E ao mostrar toda a minha força de mulher, não perco a beleza, leveza da borboleta e a força da resistência de ser quem eu sou.



Zuleica Rabello

Apaixonada pelas artes, tentando voar nos versos e tornar a poesia um veículo de amor.

Professora, educadora e técnica de enfermagem; hoje escritora. Renasci nos versos, contos e poesias. Participei das Antologias: Histórias de um verão inesquecível, E quando escritores se apaixonam? A escrita e eu, Na teia da viúva negra, Histórias que marcaram o Brasil, Enquanto a chuva cai, Ímpeto e Desejo, Silêncio Sombrio, Para sempre em meu coração, Histórias assombradas para pequenos corajosos, Mulheres de raiz e asas e O Jardim secreto. Preparando meu livro solo com muita emoção!

Mulher, Fênix, literalmente inspirada por Cora Coralina.

Escritora: Zuleica Rabello

A voz da liberdade

O som da música alta do vizinho tocada metodicamente nos finais de semana era o momento em que ela se escondia no terraço iluminado pela lua por entre as telhas e deixava suas lágrimas escorrerem pela face com semblante sofrido.

Ali ela pensava onde havia errado qual o porquê de ter ficado anos e anos num casamento tão vazio.

Talvez pelos filhos que a faziam sorrir e ter orgulho ou o medo de ter que assumir um erro que lhe fazia doer demais.

Na adolescência, ia todas as noites na laje escura da casa de seus pais e ali conversava com as estrelas. Queria ter o poder de voar, mas não tinha asas e fechava os olhos lentamente, se permitia sentir o vento nos cabelos, às vezes o calor ainda tentando ficar por entre as folhagens das árvores no meio da noite.

A vida não era nada fácil!

Naquela época o papel era caro e usava aquele que embrulhavam o pão vendido no mercadinho do Senhor Quim. Era um português muito gentil que dava sempre um pedaço maior de papel para ela desenhar.

O lápis era artigo de luxo e ela o guardava embrulhado na camiseta do vovô para não quebrar a ponta.

Para uma adolescente algumas décadas atrás escrever era a saída para burlar a atenção e a vigilância de seus pais. Ali podia escrever e ir aos lugares mais distantes, conversar com seus amores, sonhar com um futuro incerto ou quem sabe o mais certo!

O tempo foi passando e ela jamais deixava de escrever, contar suas histórias e ir cada vez mais longe sem sair de seu quarto. Um dia, juntou todos os seus escritos, olhou um por um e viu o quanto havia crescido e não tinha reparado.

E que um sonho pode ser capturado, guardado numa caixinha e abri-la no tempo certo.

Casou e percebeu que sua legitimidade estava sendo apagada, o sorriso alegre estava ficando inerte, as lágrimas começando a serem constantes e o amor? Ah! O amor foi ficando distante de uma vida tão leve e agora pesada com tanta dor.

Ela sabia que havia plantado sementes dentro de seu coração, porém não tinha mais forças para regá-las com o amor de antes. E numa noite muito escura ela queria dar um voo sem volta. Triste. Impotente.

E ao fechar os olhos, sentiu um clarão em suas pálpebras molhadas. O brilho dos braços da “Mãe Lua” chegara até ela e um abraço forte ela recebeu.

Enxugou as lágrimas frias, desceu as escadas e tomou uma decisão: “abrir a porta da gaiola e voar”!

Pegou seus bens mais preciosos: “os filhos, as cachorrinhas, seus manuscritos” e foi embora.

Ela ajoelhou e olhando para a “Mãe Lua” pediu-lhe força para uma nova etapa em sua vida.

E uma folha de papel, voando lentamente caiu sob seus braços. Totalmente branca sem uma letra, cheirava a rosas frescas.

Ela pegou carinhosamente e dirigiu-se à casa de seus pais onde viveu sua infância e começou a escrever, a desenhar sonhos!

O coração batia mais forte, suas mãos pediam o carinho do lápis mágico que trazia esperança para quem lesse cada história, cada poesia desenhada carinhosamente letra por letra.

Aquela época sombria dava espaço para dias iluminados onde o amor estava presente.

Não ouvia mais músicas que lhe faziam chorar e nem tampouco viver ao lado de alguém que não sabia amar e respeitar a mulher com a qual prometera cuidar e amar de verdade.

Raízes foram se espalhando em cada livro escrito, nos abraços apertados, nas novas amizades.

O espelho que um dia chorou com ela, ouviu seus medos, mostrou que ela estava sumindo a cada dia entre pesadelos e

insegurança, começava a mostrar a nova face daquela mulher.

Ela olhava e se questionava quanto tempo demorou para ser feliz, ser uma mulher autêntica com a sua própria voz.

E dessa vez, vieram outras imagens de mulheres perdidas nos seus propósitos, enraizadas num mundo onde a violência e a escravidão ainda atormentam cada dia. E ela seria uma amostra de que mediante a tanta decepção, tristeza e mágoas ainda podia escrever uma nova história de sua vida, criar um novo jardim mesmo no meio de um deserto por que a força está lá, pronta para ser libertada e alçarmos voo.

Não somos puro objeto de prazer, enfeite de casa ou mesa de escritório. Somos mulheres que tem capacidade para caminharmos livremente sem ficarmos submetidas a quaisquer tipos de violência. Somos o “Ventre Divino”, “Fonte da Criação”; somos o Universo repleto de estrelas.

Fincamos raízes fortes, firmes e poderosas que podem florir em terrenos áridos, secos. Somos guerreiras que lutam dia a dia por sua

emancipação numa sociedade que infelizmente ainda nos rotulam como “incapazes”.

E essa mulher sobreviveu ao caos. Gritou por sua liberdade, enfrentou desafios, desviou de obstáculos e usou o lápis, seu maior amigo, como sua voz.

Dentro de sua magnitude, humildemente estendeu a mão a outras mulheres e sentiu que seu coração se transformou num belíssimo sol!

Num girassol enorme que consegue dividir o seu amor, doar seu carinho em cada poesia escrita.

Mulheres raízes, voando juntas buscando a luz, dividindo a sua luta com outras e outras guerreiras em pleno voo sem medo de cair.

Bradando a uma só voz:

“Não queremos sobreviver, queremos viver.”



Marilene Carvalho é uma escritora que transforma sentimentos em palavras e palavras em pontes de conexão. Natural de Teresina, Piauí, vive em Fortaleza há 15 anos. Apaixonada pela escrita desde a adolescência, Marilene sempre viu nas palavras uma forma de expressar o amor, a esperança e a força que movem o ser humano. Sua trajetória literária nasce do desejo de tocar corações e ajudar pessoas por meio de textos que acolhem, inspiram e despertam reflexões. Aos 42 anos, solteira e dedicada à arte de escrever, Marilene acredita que cada história tem o poder de transformar vidas.

Escritora: Marilene Carvalho

Quando o laço esfria

Foi em 2020 quando tudo começou, eu participava de um grupo de oração onde nos conectávamos com várias pessoas de outros Estados e era um grupo online. Nesse grupo dei logo de cara com o perfil de uma pessoa no qual sua foto de Whatsapp me chamou muita atenção. Aquele olhar espantado e desconfiado... Então, todo aquele jeitinho me chamou atenção, mas de início não falei nada, fiquei na minha.

Um certo dia, montaram um grupo, no qual eu participei, eram várias pessoas e um grupo cheio. Nesse grupo, lá estava ela, foi incrível a conexão! Ela com aquele jeitinho doce de menina espantada, mas no fundo uma luz.

Nesse grupo brincávamos, conversávamos e às vezes tinha até discussão das outras pessoas.

Certo dia, ela me chamou no privado e era madrugada. Patrícia era seu nome, e Patrícia já chegou contando toda sua vida. Uma história de superação ao qual, fiquei espantada pela

coragem dela, de se abrir com alguém que nunca viu na vida. Mas hoje entendo, pois era nossa conexão. Ela já passou por coisas horríveis, e foi ali que comecei a entender que ela só queria alguém para desabafar. Eu a ouvi com muito carinho e com vontade de ajudar com o que fosse preciso.

Os dias foram se passando e eu cada vez mais com vontade de ficar com ela. O meu carinho só aumentando a cada minuto e a cada segundo. Todos os dias ela contava mais sobre sua história de vida — no qual uma parte me comoveu muito —. Seu relacionamento com sua mãe, era um pouco conturbado e ela tinha certa mágoa. Em sua casa eram em quatro, ela, sua mãe e mais duas irmãs. Ela se sentia excluída, pois não recebia o mesmo carinho que suas irmãs recebiam. Mexia muito com o seu psicológico e eu sabendo disso, não tive mais dúvidas de que a partir do dia em que a vi, percebi que era alguém para eu cuidar, amar e proteger. Foi incrível demais o meu sentimento por aquela garota. E a cada dia que passava, parecia que a gente ia criando mais laços.

Em uma bela manhã ela levantou com muita dor de cabeça e vomitando muito. Eu fiquei louca desesperada. Ela sofria de

enxaqueca e ficava muito mal. E quando ficava assim, não pegava no telefone. Pra mim era muito doloroso, sem saber o que se passava e como poderia ajuda-la. Pois como éramos de Estados diferentes, seria impossível ajuda-la. Então só me restava esperar que ela melhorasse um pouco para me dar sinal de vida. Ninguém da casa dela sabia que ela falava comigo. Pois como nos conhecíamos pela internet, ela de forma alguma falou com sua mãe. Pois sua mãe não gostava dela ter contatos pela internet.

Eu me apego muito fácil as pessoas, e ao longo dos meses, Patrícia se tornou uma pessoa muito importante. Passei a falar com ela 24 horas por dia. Me contou toda sua história e achei muito fofo da parte dela ter essa confiança em mim. Me sensibilizei demais e a cada dia nosso laço ia ficando mais forte. Passamos a compartilhar tudo o que íamos fazer e tinha vezes que ela não acordava muito legal, pois era um pouco triste por ser formada e nunca conseguir emprego. Ela era advogada, mas não tinha seu próprio escritório. Passávamos o tempo todo conversando e eu amava dar suporte para ela. Me apeguei tanto a ela, que não suportava ver alguém a machucar.

Um tempo depois, ela chegou pra mim e me perguntou se podia me chamar de mãe.

Achei tão lindo aquilo! Era muito amor envolvido, era uma menina carente de atenção e que só queria alguém para lhe acolher, e mais nada. E eu fui aquela pessoa que ela precisava naquele momento. A abracei, mesmo de longe, com todas as minhas forças, e faria por ela, tudo que estivesse ao meu alcance.

Uma vez ela me contou que teve um namorado e perguntei o motivo do término. Ele não foi um bom rapaz com ela, e nem ao menos não participou da formatura dela e pior, não apareceu no velório da avó dela, para lhe dar suporte. Passei a detestar o cara, sem nem ao menos o conhecer. Ele ficava sondando-a assim que a conheci, mas ela não dava tanta importância, mesmo gostando dele. Passamos a ter liberdade uma com a outra para falar sobre todos os assuntos e éramos um livro aberto.

Resolvi um dia mandar um presente para ela, pois amo presentear as pessoas. Só que para a minha surpresa, ela ficou apreensiva. Eu não imaginava que a sua mãe era tão braba assim. Pois jamais a deixaria aceitar presente de estranhos. Isso, foi um soco em meu coração,

ainda mais que eu jamais quis causar um desconforto entre mãe e filha. Mas foi isso que aconteceu, quando chegou a encomenda do que enviei para ela. Senti muito, e assim conforme os dias iam se passando, tudo se tornava mais intenso. Mas gostava da nossa convivência.

Ganhei uma filha da noite para o dia, que maravilha!

Meses se passaram e o “dito” namorado da Patrícia apareceu. Ela me falou, e foi o mesmo que me matar. — eu não sei explicar como me senti — Mas parece que tudo se fechava e eu não conseguia disfarçar. Aconselhava ela a nunca ir pelos pensamentos dele e assim era sempre. Mas eu sabia que um dia eles iam acabar se cruzando.

Um ano se passou e estávamos muito felizes por termos uma a outra. Mas sem saber como explicar, houve uma discussão entre ela e eu. Nos causando angústia e dor, ela chorava de lá e eu daqui. Ambas, chorando escondidas, pois ela não podia chorar na frente da mãe e nem das irmãs. E eu aqui moro em meu trabalho e sou babá, também não podia chorar, então ficou difícil tanto para ela, quanto pra mim. Eu adoecia quando isso acontecia, e

chegava a ficar febril e abalava todo o meu emocional. Logo, eu mandava mensagem tentando concertar e graças à Deus, dava tudo certo. Era muito bom poder passar o tempo com ela, comigo ela encontrava o carinho e afeto que não conseguia em sua família. Porém, eu sempre falando que tudo ia ficar normal em sua casa. Que ela ia arranjar um trabalho com a graça de Deus. Ela se sentia uma inútil por ter 30 anos e ainda depender da mãe. Tinham dias em que ela caía em prantos e com muita conversa, conseguia a acalmar, pois era um dia de cada vez. Eu não conseguia vê-la chorar, e isso doía em meu coração. A ver naquela situação e não poder ajudar como eu queria. Como era difícil pra mim! Ainda era mais difícil, pois sua família não gostava de mim e eu sofria duas vezes.

Um certo dia, ela acordou com uma ligação do ex namorado dela. Falou que ele tinha

ligado e eu já demonstrava que não achava isso bom para ela. Acaba esfriando com ela, e isso já era motivo para nós duas brigarmos. Eu tinha medo dele a fazer sofrer tudo o que já sofreu com ele, de novo. Eu me importava demais, e ela ficava chateada, pois o amava e não queria que eu ficasse assim. Mas era mais forte que

eu, e mais uma vez passávamos o dia tristes uma com a outra e eu só sabia chorar. Mas eu jamais ia desistir da minha filha, pois me sentia realmente como sua mãe.

Dois anos se passaram e nós duas juntas, mesmo que distantes. Enfrentando tudo sempre juntas. Com brigas, ou sem brigas, mas sempre juntas e sem soltar a mão uma da outra.

Em uma manhã seguinte, ela já cansada de ficar parada em casa, espalhou currículo em alguns lugares. Até que um dia foi chamada para trabalhar. Meu Deus! Foi nossa maior alegria, e vibramos juntas. Enquanto alguns não satisfeitos, começaram a reclamar. A partir daí era choro todas as noites, eu ficava arrasada e era muito difícil estar longe dela naquele momento.

Foram dias difíceis para nós duas, mas ela seguiu firme apesar de tudo. Cumpriu o devido tempo e graças deu certo, e mal sabia ela o que a esperava...

Um ano depois, ela recebe uma ligação da mãe de seu ex namorado. Que trabalhava em uma faculdade e pediu que ela enviasse o seu

currículo. Ela ficou muito e feliz e foi até o local e após fazer tudo que era necessário, e pela honra e glória do Senhor, ela conseguiu o emprego na faculdade.

Os dias foram se passando e ela se adaptando melhor a cada dia. Já não estávamos mais juntinhas como antes, afinal, ela precisava trabalhar.

Eu, é claro que entendia perfeitamente. Depois de um certo tempo no emprego, ela veio me procurar aos prantos. Ela esperava que seu ex fosse agir de um jeito com ela, mas ágil de outra forma. Infelizmente, não foi como ela queria, desde então, tudo que eu falava, era motivo de discussão. Então aos poucos tudo foi se desgastando, pois as nossas brigas eram constantes. Eu fiquei pra baixo, meu coração sangrou, mas continuou com muito amor — apesar da dor —. A rotina que tínhamos, mudou completamente, minha filha ficou cada dia mais ausente e eu com uma grande confusão em minha mente. Fiquei tão arrasada, que perdi o sentido de tudo, mas isso, até hoje, ela não sabe.

Marquei um encontro com uma amiga, e com a cabeça cheia, esqueci de avisar Patrícia.

Daí, ela me ligou e eu estava nesse encontro e foi o fim de tudo. Ela simplesmente passou a me odiar. Eu nem acreditei no que estava acontecendo. Ela ágil de forma tão severa que nem a reconhecia. Vivi momentos intensos com toda aquela situação, pedindo direção a Deus e me perguntando de tudo aquilo estar acontecendo. Chorei muito, como jamais pensei que choraria um dia, foi uma dor que jamais sonhei sentir. O laço esfriou, e sim, aquele laço que era antes esfriou da parte dela. Infelizmente, eu até hoje não consigo acreditar. Ainda, nos falamos, é claro, pois jamais vai deixar de ser minha filha, mas não com a mesma frequência. Eu sinto muitas saudades dela, desejo o melhor para ela e que seja muito feliz. Estará sempre guardada em meu coração. E essa é a história resumida de Marilene Carvalho e sua filha do coração.

Queria mostrar que nem sempre de onde temos raízes, é onde queremos estar, e que muitas das vezes, nós mesmos arrancamos nossas asas, nos impossibilitando de voar.



J. F. Ribeiro, pseudônimo de Jefferson Fabiano Prazeres Ribeiro, é formado em História e Pedagogia, com pós nas áreas de Ensino Tecnológico, de História & Cultura-afro, é educador especial neuropsicopedagogo, enfatizando educação antirracista para professores. Lecionou História de 2008 até 2024 na rede Educafro RJ, onde atualmente só gere, e leciona Sociologia e Cidadania no Instituto de Pesquisa e Culturas Negras RJ, no Pré-Vestibular Engenheiro André Rebouças e lecionou para as séries iniciais na prefeitura do RJ. Mestre em História na área de História da África, foi professor-tutor EAD do curso "Formação Para Docência e Gestão para a

Educação das Relações Étnico-Raciais, Educação Escolar e Quilombola" pela UNESP. Atualmente cursando a graduação em Artes Cênicas na PUC RJ e Administração de empresas na UniCarioca, também é ator e dramaturgo com formação cênica audiovisual. Na literatura, foi um dos autores do espetáculo, "Contos do Agreste" e um dos autores das antologias "Na teia da Viúva Negra" e "Mistérios da Meia-noite", pela Rubi Editorial e "Vai pra onde?", pela Editora Panóplia.

Escritor: J.F. Ribeiro

A Fingadora de Ilhéus. A fênix do sertão

Ilhéus — 1920

Maria das Dores era uma professora dona de um sorriso doce e de uma paciência infinita. Todos a amavam. E ela se doava ensinando as lições de matemática e ciências de uma forma divertida e interessante.

Era uma mulher doce e apaixonada. E seu noivo, João Batista, era o centro de seu universo. Eles se conheceram em uma festa na cidade. Mas, o que Maria não sabia era que João não era o homem que ela pensava. Ele era ambicioso e calculista. Enquanto Maria sonhava com o futuro, João conspirava com a madrasta de Maria, Dona Lurdes, para roubar a fortuna da família.

— Ela é tão ingênua — disse João, rindo. — Ela nunca vai suspeitar de nada.

— Sim, ela é uma tola — concordou Dona Lurdes. — Mas, logo ela estará fora do caminho, e nós poderemos ficar com tudo.

Quando Maria estava saindo da escola, João Batista chegou, sorrindo.

— Vim te levar para um passeio — disse ele, pegando sua mão. — Vamos?

— Lógico, meu amor. — Aceitou o convite, feliz e apaixonada sem pensar.

Como toda moça meiga, doce e muito apaixonada, foi feliz e empolgada. Eles caminharam pela praça, conversando e rindo. Caminharam até a praia, viram o pôr do sol sentados na beira do mar, saíram num passeio banhados pela linda noite, beberam e comeram num restaurante, até que João a levou para casa dele.

— Vamos entrar — disse ele, abrindo a porta.

— Não, João, eu não quero. Não me parece prudente. — disse ela.

Ao tentar hesitar, João a convenceu, contando com a sua paixão por ele, e conseguiu puxá-la para dentro. Apesar de ela ser recatada e pura, a paixão não resistiu ao hormônio misturado com a ingenuidade e foi lançada numa armadilha culminando em suas relações íntimas.

No dia seguinte, Dona Lurdes, a madrasta de Maria, a chamou na sala.

— Maria, você desonrou a nossa família — disse ela, com um olhar de desaprovação. — Você não é mais bem-vinda aqui.

— Hã?! Mas por quê? — Estranha Maria — Esqueceu que essa é a minha casa legítima?

— Você se entregou a um homem antes do casamento. Você não é mais mulher digna.

E isso lhe faz perder o direito da casa de teu pai.

Lurdes a pega pelos cabelos e a expulsa. Joga as coisas dela, como alguns livros que para dona Lurdes, era lixo de papel e tinta, e roupas que para ela eram sem graças demais para ficar em sua casa.

— Quero as minhas joias! — Exige Maria, chorando em abundância.

— Elas ficam, como indenização de sua libertinagem.

Maria saiu de casa, chorando, sem saber para onde ir e sem saber como agir. Aí ela vê

João Batista, logo se anima acreditando que ele irá acolhê-la.

— Que bom que te encontrei, João. — Diz Maria aos prantos.

— Serei direto, Maria. — Diz João — Acabou! Você é uma mulher desonrada e provou isso sendo fácil demais. Não me é confiável casar com quem se leva fácil à cama.

— E aquele todo o teu amor? — Perguntou ela, perdendo o chão naquele momento, já com um olhar de surpresa e dor. — Por que isso?

Ele dá as costas e sai, como se ela nem estivesse aparecido ali. No mesmo dia, Maria, chorando e triste, se muda para a casa de Lúcia e Gustavo, os irmãos que a acolheram de braços abertos e são amigos de infância dela, desde a escola. No fim da tarde, Lúcia é abordada por João Batista e ele tenta galanteá-la, mas ela o dispensa de forma áspera porque o que ele fez com a amiga dela, não se faz com ninguém e ela jamais cairá nessa.

— Você vai pagar por isso, Maria, antes que você incentive as demais damas. — disse ele, com um olhar de ódio. — e você também, Lúcia.

Dia seguinte, ele e mais três capangas encontram Maria sozinha na rua e a atacaram.

Eles a surraram violentamente, deixando-a caída na lama, quase morta. A surra foi de socos, chutes e pauladas das mais violentas.

— Isso é o que você merece — disse João, cuspidando nela. — Você é uma mulher morta.

E com isso, eles a deixaram lá, abandonada e sozinha. Mas Dona Aurora, uma senhora rica, encontrou Maria caída na lama, quase morta. Ela a levou para o hospital, onde Maria lutou pela vida durante um mês. Lúcia e Gustavo a visitavam diariamente. E ela acordou do coma.

— Maria, o que aconteceu? — perguntou Lúcia, chorando.

— Eu... Eu vou me vingar — sussurrou ela, abrindo os olhos, e decidida.

— Maria, mas de quem? — Pergunta Gustavo. — Quem te fez isso? você precisa se concentrar em se recuperar para que...

— Eu vou fazer justiça — disse ela, de forma cruel. — E ninguém vai me parar.

Lúcia e Gustavo se entreolharam, preocupados com sua transformação.

— Entendemos. mas o que houve contigo, Maria? — perguntou Lúcia.

— Eu vou matar João Batista e Dona Lurdes — disse ela, com uma voz fria e com um olhar de ódio. — E vou fazer com que eles paguem por tudo!

— Você quer mesmo se vingar? — perguntou dona Aurora, com um ar sério.

— Sim, eu quero.

— Você tem certeza que quer seguir esse caminho? É um caminho sem volta. Vou te perguntar pela segunda e última vez. Quer mesmo?

— Estou decidida! — Maria não hesitou, ao dizer a ela, com uma voz firme.

— Então prepare-se para ser uma mulher forte, empoderada e fazer o que quer.

— Dona Aurora, o que você está fazendo? — perguntou Lúcia.

— Estou ajudando Maria a se tornar a mulher que ela quer ser — disse ela.

— Estamos com você, Maria — disse Gustavo.

Maria sorriu, um sorriso de gratidão.

Em Salvador, Maria começa seu treinamento intensivo em artes marciais, armas brancas e de fogo. E nos intervalos estudava Direito na Universidade, que dona Aurora a colocara.

Dona Aurora é ex-mulher de um sargento da Guerra do Paraguai que chefiou, junto com Marechal Deodoro, a implantação da república. E aprendeu tudo com o marido. E sim, era uma instrutora rigorosa e experiente.

— Você precisa aprender a se defender — disse Dona Aurora, enquanto Maria treina com um revólver. — E a atacar, quando necessário.

Maria tinha medo de armas, mas Dona Aurora a ajudou a superar isso.

— Você é uma mulher capaz — disse Dona Aurora. — Você pode fazer isso.

Com o tempo, Maria se tornou uma atiradora habilidosa e uma lutadora formidável. Ela desenvolveu um leque de lâminas usando um bumerangue acoplado, em ferros forjados com seu dom de cálculos de Matemática, que usou até para arremessos. Lúcia e Gustavo, que

iam lá às vezes, estavam acompanhando Maria e Dona Aurora. Se impressionaram com a transformação de Maria.

Cinco anos se passaram e Maria e dona Aurora voltaram a Ilhéus.

— Agora, é hora de começar os planos de vingança — disse Maria, com um sorriso frio.

Sua aparência facial não havia mudado muito. Ela ainda tinha a mesma carinha meiga e doce, a mesma voz suave e os olhos de mel. Mas por dentro era uma mulher diferente com o objetivo de vingança. Parece que os 30 dias de coma a tinha levado ao inferno e voltado com o pacto feito ao capeta. Renascer e matar.

Maria parou em sua antiga casa, e João Batista a viu. Tentou conversar mas ela o desprezou e o ofendeu.

— Só te conheço como um lixo cheio de esterco. Suma daqui! — Disse ela.

Ele a pega nos braços e ela se solta, e dá um soco em sua cara.

— Sua quenga dos infernos! — Exclama João Batista, tentando socá-la, mas ela desvia e o derruba. Algumas pessoas estão rindo do que viram e outras impressionadas. Dona Lurdes, a

madrasta de Maria, também a encontrou em frente a casa, E Maria seguiu seu caminho, não se deixando intimidar. Só que Dona Lurdes tentou bater nela, mas Maria segurou seus punhos e a socou, fazendo com que a madrasta caísse de cara no chão e sai sem olhar para trás.

— Ah, você vai ver só! — disse Dona Lurdes, furiosa e se levantando.

Na madrugada, Maria está sozinha na casa de Dona Aurora, e tranquila, na janela fumando e tomando um uísque, quando vê uma menina correndo apavorada, com roupas rasgadas e sujas. Chama na hora, mas empunha a pistola que tem sempre com ela. Ela avisa a madrinha e ela permite que a menina entre. A menina entra. Ela se chama Bela. Na conversa, ela descobre que Bela era escrava num prédio em construção. Maria pergunta o que era.

— Por sorte eu consegui descobrir o que eles tramavam. — Diz Bela.— Eu era escrava lá, mas também decidi fuçar e descobri que aquilo é um centro de manipulação mental.

— E como você sabe? —Pergunta Maria, incrédula.

— Eu sei ler e escrever. Meus pais morreram e fui sequestrada pra virar escrava.

— Que horror! — Diz Maria, apavorada e com ódio. — Isso é inadmissível! Muito bem! Meu objetivo acaba de ser ampliado. Onde fica esse lugar?

— Para lá. — Bela aponta para uma direção — Corri desde depois do anoitecer até agora. É um lugar que está ficando grande e está em construção.

Maria liga na hora para Gustavo e explica todo o ocorrido. E pede para ele levá-la para um lugar que pode ser um perigo para o povo de Ilhéus. Ele aceita e, meia hora depois, aparece com o carro. Maria aparece com uma roupa totalmente diferente. Collant todo preto decotado, chapéu feminino, mas preto. Até a flor que tem na lateral dos chapéus de moças é preta. Está de capa e dois facões na bainha, em cada lado da cintura, acoplado no cinto, e duas pistolas em seus coldres, também acoplado no cinto. No centro um coldre especial para o leque de lâminas. E uma capa preta. Oficialmente nasce a Vingadora de Ilhéus. Empoderada e sanguinária. Antes uma coelhinha de tão doce. Agora... Pior que uma leoa faminta.

— Leva isso. Pode te ajudar. — Bela dá a ela um mapa de todo o local a Maria.

— Nossa! — Exclama Maria, espantada. — Você tem uma inteligência incrível.

Gustavo e Maria saem. Chegam até local com menos de uma hora.

Maria, agora de Vingadora, pula o muro do local como uma gata sorrateira. Sobe e vê que está tudo ok. Mas decide entrar na parte já construída e vê alguns capangas. Disfarçadamente ela se furtiva e consegue entrar na sala do escritório. Explorando as instalações, Maria encontrou documentos que revelavam a extensão do esquema do coronel. Se espanta mais ainda quando vê nos documentos que tem até médico no meio disso. Mas, antes que pudesse ler mais, foi interrompida por capangas do coronel. Ela pega tudo e guarda com ela para ver mais tarde e decide lutar contra os capangas. Maria lutou contra os cinco capangas, usando suas habilidades de luta para derrotá-los. O coronel aparece no local e fica surpreso com a habilidade da Vingadora.

— Quem é esse ser? Quem é esse monstro? — gritou o coronel.

Maria não respondeu e continuou atacando os capangas, os matando cada um com facadas, tiros e um que foi fugir, Maria jogou o leque e o decapitou. O leque voltou, pois está acoplado a um bumerangue e ela tem a técnica. O coronel escapou do centro de manipulação e Maria não conseguiu alcançá-lo.

— Vamos, Gustavo. Isso não acabou.

Agora, a Vingadora de Ilhéus tinha um novo alvo: O coronel Soares e esse Centro de Manipulação, ao invés de somente João Batista e dona Lurdes. No, carro Gustavo decide se abrir para ela em nível de sentimentos.

— Desde antes de você sofrer aquele atentado, já gostava de você e sem eu me importar com o que venham a falar de ti e...

— Eu não tenho que me importar em ter alguém que me aceite, Gustavo. — Corta Maria.
— Eu tenho é que não ter vergonha do que sou, e não me importa o passado. E também, Gustavo, eu não sou mais aquela menina boba. Então, que você saiba que nenhum ato de compaixão vai me convencer de nada.

— Compreendo. — Diz, Gustavo um pouco triste. — Não se preocupe.

Continua seguindo e chega na casa de Maria. Ao deixá-la, ela o convida para entrar. Ele, achando estranho, depois do sermão que levou dela, aceita.

— Gustavo, você sabe que fui desflorada antes de casar e abandonada. Eu não posso achar que o homem que me quer, dizendo que não se importa com meu passado, está me fazendo um favor e eu me sentir obrigada a achá-lo o máximo. Mas, você sabendo o que fizeram comigo, precisamos de rodeios?

Maria o puxa pelo colarinho do terno e o beija intensamente e ela o leva para o quarto vazio da casa.

Dia seguinte, acordam na cama, abraçados e nus, após uma noite de amor. Eles estão se beijando e se acariciando, sentindo o calor um do outro.

— Eu te amo, Maria — disse Gustavo, com um sorriso.

— Eu também te amo, Gustavo — respondeu Maria, com um suspiro.

Eles continuam a se beijar e a se acariciar.

De tarde, Maria está estudando todo o documento e descobre que a inauguração será

a dois dias. E vê que dona Lurdes e João Batista estão no meio dessa. E o dinheiro que ela depositará posteriormente será das joias e da casa que roubou de Maria. E ao ver os documentos médicos, se apavora. Doutor Clóvis foi o responsável pela morte do pai dela. Ela dá um grito de ódio ensurdecedor e promete uma vingança da pior forma possível.

Domingo - um dia para a inauguração do centro das trevas. Maria ainda está com um ódio monstruoso. Dona Aurora, já chegou de Salvador, e consegue uns contatos para comprar umas dinamites. Na madrugada, junto com Gustavo e Bela, que vai na teimosia, mostrando um empoderamento de mulher jovem, e como conhece, auxilia Maria, ao montar nos pontos estratégicos.

Dia da inauguração. Os políticos, coronéis, povo da alta roda de Ilhéus O coronel Soares, João Batista, doutor Clóvis e a dona Lurdes estão lá. A Vingadora está escondida.

Isadora, uma secretaria do jornal 'Sanfona Diário', está lá tentando ser uma repórter e sair do ramo de ser apenas uma secretária. Está com Lucas, jornalista do jornal e seu noivo. De repente, Bela acende o pavio das dinamites e o prédio começou a explodir. Uma parte do muro

caiu, revelando os escravos e os equipamentos secretos. A Vingadora, com sua voz áspera, apareceu.

— Isso aqui não passa de uma central de manipulação mental! — ela gritou. — Vocês vão morrer por causa desse coronel, que quer enganá-los.

O povo começou a correr, e a batalha começou. A Vingadora lutou contra os capangas e alguns coronéis, matando alguns e ferindo outros. Ela usou sua faca e sua arma, lutando com habilidade e determinação.

Enquanto isso, o coronel Soares, João Batista, doutor Clóvis e a dona Lurdes tentavam fugir.

Mas a Vingadora os perseguiu, um por um. Finalmente, ela chegou à madrastra, que estava escondida no prédio. As duas mulheres começaram a brigar corpo a corpo, e a Vingadora tirou sua máscara, revelando sua verdadeira identidade.

— Surpresa! — Ela se revela, com um sorriso cruel.

A madrastra arregalou os olhos, por jamais ver a enteada que ela havia tentado destruir,

sendo uma justiceira sanguinária. A batalha estava longe de acabar, e a Vingadora estava pronta para terminar o que havia começado. A madrasta tentou falar, mas Maria não estava mais interessada em ouvir. Com um movimento rápido, Maria lhe deu um soco forte na cara, seguido de cabeçadas brutais e chutes violentos na lombar, fazendo-a cair ao chão, quebrando a perna dela. Lurdes gritou de dor, tentando se levantar, mas Maria não permitiu, quebrando seus braços, deixando-a incapacitada, com apenas uma perna e um braço para se mover. E quando conseguiu se levantar, Maria pegou seu leque de lâmina e, com um movimento preciso, partiu a cabeça dela em dois. A madrasta, criminosa, que queria matar Maria, caiu ao chão. Morta. Maria olhou para o corpo sem vida da madrasta, sentindo um misto de alívio e justiça.

Ela havia finalmente vingado a morte do seu pai e a destruição da sua vida. Logo adiante vê o doutor Clóvis fugindo após ver a cena e corre atrás dele. Ele é anão e isso não a sensibilizou em pegar leve sob hipótese alguma. Com mais ódio ainda, Maria foi rápida demais e o agarrou pelo paletó o puxando e revelando sua verdadeira identidade.

— Você não lembra de mim? — Perguntou ela, com sua voz cheia de ódio.

— Mas... Mas quem é você? — Pergunta ele, olhando para maria com medo.

— A filha do homem que você matou! — Diz ela, com sua voz gelada.

Ele se surpreende e com um movimento brutal, Maria virou o doutor Clóvis de cabeça para baixo e começou a bater sua cabeça no chão, repetidamente, com força e fúria. O som do crânio se rachando ecoou pelo ar, e seu cérebro começou a sair. Finalmente, Maria parou, exausta, e olhou para o corpo sem vida. Ela havia vingado a morte do seu pai, da mesma maneira que ele havia feito com ele. Lobotomizando.

Maria, com a arma em punho, avançou em direção ao coronel, que estava cercado por seus capangas. Ela os matou, abrindo caminho até o coronel.

A imprensa estava lá, fotografando a cena e fazendo as anotações, assim como Lucas também. Isadora, com sua câmera, estava determinada a capturar a melhor foto.

— Eu vou fazer uma reportagem incrível. E de secretária, virarei jornalista. — Disse ela, com seu olhar fixo em Maria e correndo atrás dela. — Eu vou fazer história!

— Calma, Isadora! — Exclama Lucas. — É perigoso. Pode levar um tiro... Droga!

Lucas se interrompe e corre atrás dela para evitar que a noiva morra. Já Maria consegue alcançar o coronel e o enfrenta, lutando com ele de igual para igual. Isadora chegou um pouco próximo. O suficiente para capturar as imagens. Eles trocaram golpes de facões e coronel tentou dar um tiro nela, mas Maria escapou. Ela o desarmou com um chute meia-lua e deu um tiro em sua barriga.

— Mas que diabos é você? — Perguntou ele, gritando de dor.

— Tua curiosidade acaba aqui — Ela aponta a arma e tira a máscara.

— Mas é uma criança! — Exclama o coronel arregalando os olhos, assustado.

— Não precisa fazer isso! — Grita Isadora, que estava tirando fotos.

— O que você fez aqui é um crime totalmente imperdoável. — Diz Maria a ele.

Isadora tentou intervir novamente, mas Maria a ignorou. Com um movimento rápido, ela o mata perfurando seu o coração com um facão e rapidamente colocou a máscara de volta e fugiu, deixando Isadora e Lucas para trás. Eles estavam assustados e confusos.

Maria seguiu em frente, determinada a encontrar João Batista. Ela subiu as escadas, o prédio em chamas ao seu redor. Finalmente, ela chegou a um andar onde havia umas roldanas e um gancho para movimentação de materiais de construção. E o fogo se aproximando. Ali está João Batista, o homem que ela estava procurando.

— Seus dias de justiça acaba aqui, quenga das trevas.

Monta guarda, pois ele tem habilidades de luta e ainda pega um facão que usa para torturar e matar desafetos. A luta entre eles foi intensa e brutal. Eles lutaram com facas e até trocam chutes e socos. É uma luta digna de confronto final. Ela leva um chute meia-lua e cai.

— Ah, ah, ah, ah... É assim que vai salvar esse povo do nosso domínio — Debocha João.

Ele é um oponente formidável, mas Maria é uma força da natureza. Pois no momento em que ele vai cortá-la com o facão, ela consegue dar um desvio girando o corpo a meia volta e decepa seu braço. Ele grita e não satisfeita, aproveita para decepar o outro e uma perna. Ele estava indefeso, gritando de dor e medo.

Maria se aproximou dele, tira a máscara e o chapéu. Fica só a Maria.

— Você não entende, João. — Disse, com sua voz natural, mas cheia de ódio. — Eu fui tão doce com você, tão menina, tão boazinha. E você me pagou assim?

— Por favor, Maria, eu sinto muito. — Chora cheio de dor, pedindo misericórdia.

— Você é o ser mais diabólico do mundo, João Batista. — Diz Maria, o olhando com desprezo. — E eu vou te mandar para o inferno!

Com um movimento rápido, Maria o pego pelo colarinho, enganchou suas costas no gancho, o sangue jorrando como uma cascata, e o empurrou para o fogo. Ele gritou enquanto era consumido pelas chamas e seu corpo se transformando em cinzas.

Maria o observou, um olhar de satisfação e felicidade em seu rosto. Ela havia vingado as injustiças que havia sofrido, Vingou Ilhéus das maldades coronelistas e agora estava pronta para seguir em frente. Pois a menina doce e pura havia se transformado em uma mulher poderosa e diabólica, disposta a fazer o que fosse necessário para proteger as pessoas boas e, ao mesmo tempo, destruir as pessoas más, lhe dando um momento de catarse que procurava há tempos. E agora, ela estava pronta para seguir em frente, para continuar lutando pela justiça e pela verdade. Isadora e Lucas assistiram à cena, impressionados e assustados.

— Bom, pelo visto, agora vocês vão querer publicar isso, né? Vão querer me revelar, certo?
— Pergunta Maria.

— Não, Maria. — Responde Isadora, após olhar para Lucas. — Eu não vou publicar nada. Eu sou uma jornalista, não uma caçadora de celebridades. Contarei a história das pessoas que foram vítimas desse esquema, não a sua.

— Sim, Maria. — concorda Lucas. — Faça o que você precisa fazer.

— Obrigada. — Agradece Maria, sorrindo aliviada. — Eu não vou fazer nada contra vocês. Eu poderia, agora, em segundos, derrubá-los e pegar essa câmera e quebrar. Mas Não farei isso, pois acredito em vocês.

— Tem minha palavra, Maria — Afirma Isadora. — Só tua foto de Vingadora. Agora... manda ver. Faça a lei que a justiça não faz.

Maria sorriu e sumiu entre as fumaças e escombros. Isadora e Lucas saíram do prédio, observando o fim de uma era de trevas desabando com um estrondo ensurdecedor ecoando pela cidade.

A reportagem, após dois dias, foi um sucesso. Isadora de Jesus, a jovem secretária se empoderou tanto que havia feito um trabalho incrível, capturando a essência da história e contando-a de forma emocionante e impactante, cuja manchete do jornal dizia: "Vingadora destrói centro de manipulação mental e salva Ilhéus!"

A reportagem não revelou a identidade da Vingadora, mas deixou claro que ela era uma heroína para a cidade. Nela, contava a sua história, que havia destruído o centro de domínio mental do Coronel Soares, libertando

os escravos e salvando a cidade. E mencionava os quatro vilões mortos, consagrando-se como uma das principais jornalistas da cidade e a primeira que era mulher. Sua carreira decolou. Ela havia provado que era capaz de fazer um trabalho incrível e fez. Foi mais um exemplo de mulher empoderada. Mostrou-se um exemplo de como as mulheres podem se empoderar em áreas tradicionalmente masculinas. E o fato de ela ter conseguido se tornar jornalista em um momento em que segregavam mulheres nessa área, é um testemunho do seu talento e determinação. Maria, como a Vingadora, é um exemplo de como as mulheres podem se empoderar e lutar por justiça e igualdade e Bela, como uma jovem mulher que se une à luta, é um exemplo de que as novas gerações podem se inspirar em mulheres feitas Maria e Isadora. E a dona Aurora, como uma senhora que abre as portas desta luta, é um exemplo de como as gerações anteriores têm muito a ensinar. E as gerações de hoje podem se inspirar em exemplos como os delas.

Mulheres que se apoiam e se inspiram mudam a história. E é um lembrete de que, mesmo em contextos difíceis, as mulheres se destacam e fazem a diferença.



Graci Apolinário é mineira, cursou Letras na Universidade Federal de Juiz de Fora, é professora na rede estadual de ensino. Escreve desde os 12 anos de idade na urgência de registrar o mundo dentro e fora de si. “Por dentro” (2024) é sua estreia na literatura e, assim a autora decidiu seguir o caminho de compartilhar seus versos e prosa pelo mundo.

Escritora: Graci Apolinário

Algumas ovelhas precisam ir embora.

Enquanto ouço C'amon, depois de algumas taças de vinho, minha mente flutua e meu corpo salta frente à tela branca que está montada no cavalete manchado de vergonhas anteriores. Eu nem penso, somente pinto imagens aleatórias que deslizam rapidamente de minha mente para a ponta do pincel enquanto as tintas da minha aquarela já estão todas bagunçadas.

E a cada imagem coerente que penso reconhecer, involuntariamente, sobreponho-a com outra, tornando-a cada vez mais incoerente. Irreconhecível para ela mesma, para a própria tela e para mim. E de repente me ligo a um TAM TAM TAM, som que vem do violino de C'amon do fundo da sala, e a calmaria do piano sob a qual minhas mãos trabalhavam no início agora é substituída por rápidas, compassadas e agressivas pinceladas violinescas.

Eram eles dizendo: — Vamos! Vamos!

— Mas vamos para onde? — Minha mente questionava.

E assim, em linhas coloridas e sobrepostas eu tracei possibilidades e metamorfoses para tudo que ruía ao meu redor. “Try not to mistake what you have with what you hate”.

— Naaaaão! — minha mente gritava para eles — É tente não confundir quem você é com o que querem que seja. Mesmo que isso machuque algumas ovelhas. Tente! Tente! Tente!

E minha obra mais sensacional foi criada ali! Mesmo que algumas taças de vinho tenham me fechado levemente os olhos e o que me restava nessa sexta-feira acre era amassar sardinhas para que amanhã esse vinho barato não me doesse o estômago.

* Coloque a música C’amon, de Panic! At the Disc para acompanhar sua leitura.

Escritora: Graci Apolinário

Se você soltar a sua mão você cai?

Para todas as mulheres sensivelmente fortes que são sua própria rede de apoio.

Quero que saibam que mesmo quando não há ninguém para nos segurar ainda há vida.

E a vida é boa do jeito que é!

Lembrem-se: Às vezes é preciso ressuscitar!

Depois de desabar ainda há vida!

— Se você soltar a sua mão você cai?

Nós, seres humanos, não fomos criados para viver sozinhos. O senso de humanidade habita em nós, ou melhor, APITA em nós desde os primórdios da civilização, de quando nos reuníamos em volta do fogo para sobreviver e oferecer ao outro proteção contra o frio ou contra animais e qualquer outro ser diferente que pudesse ameaçar nossas vidas. Mas conviver em sociedade não é tão simples quanto parece se observarmos nossas relações, ainda mais nessa era evoluída que imaginamos

não precisar mais do calor do corpo do outro para não morrer de frio.

Então, te pergunto novamente:

— Se você soltar a sua mão você cai?

As relações que você preservou ao longo da vida se caracterizam por uma simbiose?

Ou você também se beneficia das entregas que faz? Ou suas trocas estão mais para uma mutação que te corrompe com o seu aval e dissipa sua alma do corpo ao longo dos dias?

E então, eu preciso perguntar novamente:

— Se você soltar a sua mão você cai?

Cai talvez de joelhos diante da culpa e expiação sabe-se nem o porquê. Cai e se machuca e usa tratamentos paliativos porque se acostumou com as mutações que a vida lhe possibilitou. Cai e se arrebenta e se despedaça inteira como morangos esmagados no quintal. Pronta pra se **REFAZER** de novo.

Não seria esse mesmo o momento da ressurreição!?

Então, eu te pergunto:

— Como foi desabar?

— Como vai ser se reconstruir?



Cristiana Santos Muniz é filha das terras de Jaguarari, Bahia, de onde traz a força e o calor de suas raízes. Aos 43 anos, dedica sua vida e vocação à Educação Infantil, acreditando no poder transformador dos primeiros anos de

vida. Sua escrita é um reflexo de sua sensibilidade como educadora e de sua vivência como mulher baiana, buscando sempre traduzir em palavras o que a alma sente e o que o olhar cultiva.

Escritora: Cristiana Santos Muniz

O Pão de Jaguarari e o Cultivo do Futuro

Nasci onde o sol abraça a terra com vontade. Jaguarari não é apenas um ponto no mapa da Bahia; é o lugar que moldou meu caráter e me deu o sustento emocional para ser quem sou aos 43 anos. Crescer entre as paisagens do interior me ensinou que tudo tem seu tempo: o tempo de plantar, o de esperar a chuva e o de colher.

Hoje, transporto esse aprendizado para as salas de aula da Educação Infantil. Ser professora, para mim, é um ato de resistência e de amor. Enquanto o mundo lá fora corre e, por vezes, tenta nos drenar a energia com falsidades e pesos desnecessários, eu encontro o meu refúgio e a minha força no sorriso puro de uma criança.

Nesta fase da vida, compreendo que minha missão é ser solo fértil. Nas mãos pequenas que guio, vejo o reflexo da Cristiana que corria pelas ruas baianas. Educar é filtrar o barulho do mundo para que o aprendizado seja melodia. É saber que, embora existam energias que tentam nos puxar para baixo, a luz de quem ensina com o coração é inabalável.

Sou Cristiana Santos Muniz: filha de Jaguarari, guardiã da infância e escritora da minha própria história.



Andréia Marques Psicanalista, filósofa, escritora, editora e contadora de histórias. Membro Correspondente da AIAB (Academia Inclusiva de Autores Brasileenses) e Membro da AILB (Academia Internacional de Literatura Brasileira), fundou a editora Panóplia, publicou dez livros, organizou e participou de diversas antologias.

Contato: www.andreiamarques.com.br

Escritora: Andreia Marques

Ayla e o Falso Quebrado

Ayla caminhava sem pressa. O entardecer era seu instante preferido, pois nele reconhecia aquele momento precioso em que a cidade parecia esquecer a própria urgência e se deixava envolver por uma calma quase cênica. Permitindo que seus olhos repousassem em cada detalhe, observava as janelas e portas que se fechavam, as vozes que diminuía de tom, as ruas que começavam a se esvaziar... Tudo parecia envolto em um dourado delicado, como se o mundo tivesse sido suavemente tocado por uma luz etérea.

Foi então que notou uma loja que, até aquele instante, jamais parecera existir.

Não havia letreiros luminosos, nem vitrines chamativas, apenas uma fachada de madeira clara, suavemente marcada pelo tempo. Sobre a porta, uma placa singela trazia o nome "Oleiro", desenhado em letras modestas, quase tímidas. Um toldo cor de areia balançava ao sopro do vento, enquanto a janela que servia de balcão revelava peças de colorido intenso.

Ayla parou diante da janela. Os produtos eram vasos de barro, enfileirados, formando uma pequena procissão moldada em argila. Alguns eram altos e elegantes, com gargalos

finos que lembravam pescoços alongados. Outros, arredondados, acolhedores, quase maternos em sua forma. E as cores variavam entre tons neutros, terrosos a vibrantes, dispostos harmoniosamente.

— Parecem joias. — disse ela para si mesma, quase sussurrando.

— E já foram apenas barro um dia. — disse uma voz que vinha de dentro da loja.

Era um rapaz alto, de avental, quase que completamente sujo de argila seca e tinta.

— Imagino que ainda se lembrem disso. — respondeu ela, voltando os olhos para as peças, como se falasse, ao mesmo tempo, com ele e com os vasos.

— Talvez... — Continuou ele, com um sorriso pequeno, mas verdadeiro.

Ayla inclinou-se para observar um vaso maior, cuja superfície era marcada por linhas delicadas azuis, curvas e contínuas, como ondas.

— Este aqui parece ter sido pintado ao som de alguma música. — comentou, passando os olhos com cuidado pelas linhas.

— E foi — disse ele, franzindo a testa, um tanto surpreso. — Chopin. Às vezes ouço música enquanto trabalho.

Ela riu baixinho, como quem tivesse desvendado um segredo importante. E foi com esse riso espirituoso que encostou seu braço na

borda do vaso, fazendo-o cair para dentro da loja. O som estridente ecoou pelo espaço, alto demais para um lugar tão quieto, como se o ar tivesse se partido junto com a argila.

Ayla levou as mãos à boca. De olhos arregalados, tentava acreditar que aquilo não havia acontecido, que talvez fosse apenas uma alucinação.

— Eu... me perdoe. — balbuciou, cheia de culpa, sentindo o rosto aquecer.

O rapaz apenas olhou os cacos espalhados pelo chão. Por um instante, ela temeu ouvir alguma palavra áspera, uma reprovação merecida. Mas o que havia no rosto dele era outra coisa... Parecia um cansaço pesado... Aquele tipo de exaustão que não nasce de um único dia ruim, mas de um acúmulo silencioso.

— Era meu favorito. — disse ele, com uma serenidade que quase doía, continuando a pintura do outro vaso como se interromper o gesto fosse pior.

— Vou pagar. Prometo.

— Não precisa. — respondeu. — Coisas se quebram, até mesmo quando são favoritas.

— Mas não pode ficar assim. Quanto custa?

— Um vaso desses é caro, moça. — disse apontando para a plaquinha pendurada sobre os vasos, onde o valor estava indicado. Ayla ainda não a havia notado.

— Meu Deus! Não tenho esse dinheiro. —
lamentou, sentindo o peso da impossibilidade.

— Então... — Respondeu, dando de ombros, como quem encerra o assunto.

O silêncio era gritante e Ayla não poderia deixar as coisas como estavam. Era injusto com o artista, era feio para ela, embora tivesse sido um acidente. Erros como aquele pediam algum tipo de reparo, não apenas pelo objeto, mas pela dignidade de quem cria.

— Não tenho dinheiro para pagar e tampouco talento para reconstruir outro... — disse ela, respirando fundo, como quem reúne coragem. — Mas, talvez eu tenha como reparar, ao menos em parte, o que se quebrou.

Ele apoiou as mãos sobre o balcão sem conseguir esconder certo incômodo.

— Deixe-me explicar... — continuou ela, ao perceber sua desconfiança. — Sou contadora de histórias. É o que sei oferecer de mais verdadeiro e valioso... Pelo menos pra mim. Então, posso vir aqui ao fim de cada tarde, nesse mesmo horário, e contar uma história para você... Uma por entardecer, até que sua perda deixe de ser apenas perda e se transforme em lembrança.

Ayla parou por um instante e como ele permaneceu em silêncio, continuou:

— Se formos pensar em medidas justas, creio que o valor do vaso equivalha a dez

contações minhas. Então, seriam dez encontros, dez finais de tarde, com o encantamento das histórias. O que acha?

Ele pensou por um momento. Quem, em sua consciência, ofereceria histórias para pagar uma dívida? Ainda assim, algo naquela proposta parecia menos estranho do que deveria, como se viesse de um lugar onde as trocas não obedecem às regras comuns. Talvez fosse algum sinal do universo, ou de Deus, respondendo a perguntas que ele vinha fazendo em silêncio havia meses.

— Dez histórias. — Repetiu ele, por fim. — E estaremos quites.

— Sim, senhor! — Continuou ela, sorrindo. — A partir de amanhã. Combinado?

— Combinado. — Ele concordou, exitante.

— Então, até amanhã. — disse ela.

Ayla já se virava para sair quando ele falou, quase sem perceber que falava:

— Samuel.

Ela voltou-se, surpresa.

— Desculpe... meu nome é Samuel. — Repetiu.

Ela sorriu.

— Até amanhã, Samuel.

E assim começou...

No dia seguinte, ao fim da tarde, ele aguardava do lado de dentro da loja. Estava

sentado em um pequeno banco de madeira, encostado à parede, diante de uma mesa simples, recém-limpa, onde dois cafés fumegavam. Do outro lado da mesa, havia um banco vazio à espera da contadora de histórias. Quando Ayla surgiu à porta, trazendo consigo o frio suave da rua, algo em seu peito se agitou, um movimento discreto, mas impossível de ignorar.

— Pensei que talvez gostasse de café. — disse ele.

— Gosto de tudo que aquece as mãos nesse friozinho. — respondeu ela, sentando-se no banco e envolvendo a xícara com os dedos.

Houve um longo silêncio, enquanto Ayla bebia longos goles de café. Até que descansou a xícara sobre a mesa e, subitamente, começou:

— Existe uma cidade onde os relógios atrasam de propósito só para dar mais alguns segundos a quem ainda não está pronto para confessar...

Samuel percebeu que ela havia começado a história. Não disse “era uma vez”, nem pediu silêncio, nem mesmo preparou o momento com qualquer explicação. Não houve transição entre o real e a história. De algum modo inexplicável, ela simplesmente abriu uma porta invisível e atravessou.

A voz dela não era teatral nem carregada de intenção. Era limpa, natural, como se as histórias fossem sua forma de respirar. Falava olhando ora para o café, ora para ele, ora para lugar nenhum, e ainda assim parecia enxergar tudo.

Samuel não sabia exatamente quando deixara de estar ali sentado para se sentir dentro de uma relojoaria antiga, onde o ar cheirava a madeira envelhecida. Por um longo instante, esqueceu de piscar. A rua continuava viva do lado de fora, um taxi passou em frente, alguém riu alto na calçada, mas tudo parecia absurdamente distante.

Dentro da loja, só existia aquela voz tranquila, costurando imagens no ar. E, à medida que ela falava, os olhos do rapaz ganhavam mais e mais brilho. Ele via a pequena oficina cheia de relógios suspensos, ouvia seus tique-taques como corações alinhados, sentia o tempo desacelerar dentro de si.

Quando Ayla terminou, ele sabia que se tratava de uma história sobre um relojoeiro que descobriu como consertar os arrependimentos em vez das horas, ajustando lembranças como quem ajusta ponteiros. Sua última frase pairou no ar como o eco suave e ela apenas permitiu que o silêncio ocupasse o espaço, um silêncio pleno, desses que não pedem explicação e nem complemento.

Ela tomou o restante do café de uma única vez e voltou a pousar a xícara sobre a mesa. Seus movimentos eram tranquilos, sem qualquer pressa, como se soubesse que algumas histórias continuam trabalhando dentro de quem as escuta, muito depois de terminarem.

Ele abriu levemente os lábios, talvez para comentar algo, agradecer ou fazer uma pergunta, mas, de verdade, não sabia o que dizer.

Ayla levantou-se com naturalidade, ajeitou o casaco e, com um sorriso sereno disse apenas:

— Até amanhã.

E foi embora.

Samuel permaneceu sentado, olhando para o banco vazio, enquanto a loja voltava devagar ao seu estado habitual. Ainda podia sentir a história reverberando dentro de si, como se algum relógio invisível tivesse sido ajustado.

Na segunda tarde, ela contou sobre uma mulher que colecionava silêncios e descobriu, tarde demais, que alguns não deveriam existir. Então, começou a falar até esvaziar seu baú e perceber que colecionar palavras era muito mais interessante.

No terceiro dia, falou de um menino que plantava cartas no quintal e, anos depois, viu nascer uma árvore cujas folhas sussurravam as respostas que nunca chegaram.

— Você faz com que tudo pareça possível!
— disse ele, ao final, impressionado.

— É porque, de algum modo, é! — ela respondeu.

No quarto dia, narrou a história de um violinista que tinha vergonha de se apresentar. Mudava sempre de lugar para não ser reconhecido. Até que um senhor se aproximou e contou que vinha seguindo sua música pela cidade, pois ela o ajudara a atravessar dias difíceis. O violinista compreendeu que, mesmo entre estranhos, a arte cria amizades e aceitação.

Samuel já não escondia o quanto viajava. Dessa vez, esqueceu-se do café, que esfriou.

No quinto dia, contou sobre uma cidade onde ninguém mentia e como isso exigia uma coragem quase insuportável, daquelas que transformam até as palavras mais simples em atos de bravura.

Ao fim da história, Samuel confessou:

— Pensei em fechar a loja.

— Por quê?

— Porque o mundo desaprendeu a olhar. Tudo agora nasce em série, idêntico, imediato. As pessoas entram, perguntam o preço, tiram o telefone do bolso e descobrem que podem comprar algo “parecido” por menos da metade... e receber amanhã.

Fez uma pausa curta, mas carregada.

— O que faço não aceita pressa. Cada peça pede silêncio, erro, recomeço...

Mas quem ainda quer algo feito um a um? Ela passou os olhos pela loja, observando os vasos com suas curvas e cores.

— Talvez não seja o mundo que tenha deixado de olhar... Talvez as pessoas apenas tenham se acostumado ao que é rápido e, justamente por isso, fácil de esquecer. Já pensou que o seu trabalho pode ser um convite para que elas se lembrem de outra forma de viver o tempo? Quando alguém encontra algo raro, não leva apenas um objeto, leva a experiência de reconhecer uma beleza que não aceita ser apressada.

O que você faz não pertence ao tempo da pressa, mas ao tempo das coisas que permanecem.

Ele guardou aquelas palavras como quem encontra um objeto perdido e o coloca dentro do coração.

No sexto dia, ela contou sobre um faroleiro que continuou acendendo a luz mesmo depois que os navios deixaram de passar. Até descobrir que iluminava, na verdade, a própria esperança.

No sétimo dia, contou a história de duas irmãs que passaram anos sem se falar, embora morassem no mesmo lugar. Até que uma receita antiga, preparada por sua mãe, espalhou pela casa um aroma capaz de atravessar o tempo. O cheiro despertou lembranças adormecidas, risos da infância e afetos que jamais haviam desaparecido por completo. Foi assim que compreenderam que alguns laços podem até se afastar, mas nunca deixam de reconhecer o caminho de volta.

No oitavo, ele já a esperava antes mesmo que o sol começasse a descer. O banco em que ela se sentava deixara de ser um espaço vazio para se tornar promessa.

Ela contou sobre um jardineiro que conversava com sementes porque acreditava que crescer também é um ato de escuta.

— Suas histórias tem vida própria. — disse ele.

— Acho que todas as histórias são assim. Acredito que tudo o que damos atenção acaba

encontrando uma forma de viver. — respondeu.

No nono dia, choveu moderadamente. Era uma chuva paciente que desenhava pequenos rios na calçada. Mesmo assim, ele preparou o café, sem saber se ela iria ou não. Quando ela chegou, tinha os cabelos úmidos e os olhos acesos. A história daquela tarde foi sobre um homem que reconstruía objetos quebrados com ouro, para que ninguém esquecesse que as cicatrizes também podem ser belas.

Ele não comentou nada, mas olhou demoradamente para um balde no canto da loja, onde havia guardado os cacos do vaso quebrado.

No décimo e último dia, ele sentiu algo muito próximo da ansiedade. Uma inquietação que nascia da simples ideia de que aquelas tardes estavam prestes a terminar. Não queria que acabasse. Sem perceber quando aconteceu, aquele encontro diário havia se tornado um lugar onde finalmente podia respirar.

Naquela tarde, Ayla contou sobre duas pessoas que se encontravam sempre por acaso... até descobrirem que certos acasos são apenas destinos caminhando com discrição.

Quando a história terminou, Samuel se levantou rapidamente da mesa e foi até os fundos da loja. Voltou instantes depois trazendo um vaso nas mãos. Era o mesmo vaso que ela havia quebrado. Agora, porém, estava inteiro. As fissuras haviam sido preenchidas com delicadas linhas douradas que capturavam a luz e a devolviam ao mundo, fazendo daquilo que fora ruptura um desenho de beleza inesperada.

Ayla levou as mãos ao peito.

— Você o curou...

Ele sorriu, um sorriso calmo, iluminado por gratidão.

— Assim como você curou minhas tardes.

Colocou o vaso nas mãos dela com cuidado, como quem entrega algo de valor extremo.

— Preciso te confessar. — continuou ele, sentando-se novamente. — Sua dívida nunca existiu. Dias antes de você aparecer, eu já havia decidido desistir de ser oleiro e fechar a loja. Estava pintando a última peça. Mas então veio você e suas histórias... e eu me lembrei do motivo pelo qual comecei. Você me ensinou que algumas quebras são recomeços, e que não preciso correr na mesma velocidade do mundo. Basta existir no meu próprio tempo.

Ele fez uma breve pausa. Um sorriso quase incrédulo desenhou-se em seus lábios, como se

ainda se maravilhasse com a forma silenciosa com que a vida muda de direção.

— E, como se o mundo quisesse confirmar isso, ontem um cliente entrou aqui. Não veio comprar um vaso, veio fazer um convite. Ele coordena uma escola e perguntou se eu aceitaria dar aulas de olaria para os alunos. Disse que as crianças quase não têm mais contato com o que é feito à mão. Essas aulas vão me ajudar a pagar as contas atrasadas... mas, mais do que isso, tenho a oportunidade de fazer uma nova geração olhar para o meu ofício de outra maneira. Talvez ainda exista espaço para o que é feito um a um.

Ayla sorriu e uma lágrima singela deslizou por seu rosto... Não de tristeza, mas de uma emoção serena que transborda quando algo encontra seu lugar.

Ele, então, tomou sua mão direita com um cuidado quase reverente, como se temesse que um gesto brusco pudesse atrapalhar aquele instante.

— Acho que me apaixonei por você desde o primeiro instante... ou, talvez, no exato momento em que o som do vaso se partindo mudou o rumo da minha vida. E, se isso não for precipitado demais, eu gostaria que você ficasse. Não apenas nas minhas tardes, mas em todos os meus dias, daqui para frente.

Os olhos de Ayla brilharam com ternura.

— Sim. — ela respondeu, com um sorriso sereno.

Lá fora, o mundo seguia como sempre foi. Mas ali dentro, entre o cheiro de café, argila e tinta, algo valioso era moldado sem qualquer pressa. E, aos poucos, tomava forma e cor... Porque algumas histórias nós contamos e outras escolhem viver em nós.



Karina Oliveira é professora, membro da AILB (Academia Internacional de Literatura Brasileira), autora dos livros "Nina e as Sapatilhas Flutuantes" e "O Jardim Mágico da Amizade". Também participou das antologias "Cantando Auroras", "Amor & Esperança" e "Sentimentos Escritos", pela editora Panóplia. Participou de várias feiras literárias como a 27° Bienal que aconteceu em São Paulo, é palestrante e poeta. Apaixonada pela arte e pela Educação, uma das suas qualidades é não desistir de seus sonhos.

Se você pode sonhar, você pode realizar!

Escritora: Karina Oliveira

"A beleza de florescer em dias escuros"

Ter raízes fortes nem sempre foi um cenário perfeito pra mim.

Por vezes me magoei, me sabotei, me perdi de mim.

E foi aí que entendi, a minha raiz foi forjada exatamente nos dias mais improváveis, em meio a dor, em meio ao deserto...

Quando tudo parecia que era o fim, quando minha mente tentava me convencer de que o melhor mesmo era entregar os pontos...

Mas lá no fundo, ecoou uma voz que me dizia:

Ei, eu estou te preparando, você não é um acaso, você tem um propósito!

Ter raízes é isso, é entender que nem sempre seremos fortes, e que a beleza está exatamente nisso...

Florescer em dias escuros!!!



Simone Ferreira é escritora apaixonada por histórias que prendem o fôlego e aguçam a mente. Com um talento nato para criar tramas envolventes no universo do suspense policial, ela conduz seus leitores por labirintos de mistério, emoção e reviravoltas inesperadas. Artista independente e ilustradora dedicada, Simone une palavras e imagens com maestria, dando vida a personagens intensos e cenários cheios de atmosfera. Sua escrita é marcada por sensibilidade estética e um olhar afiado para os detalhes — uma combinação que transforma cada página em uma experiência visual e narrativa única.

Escritora: Simone Ferreira

Marina e seus corações

Esta é a história de Marina e seus corações.

Marina dizia que o coração era um portal. Não desses que se abrem com chaves ou dobradiças, mas um portal invisível por onde atravessam as alegrias, os medos e todas as formas de amar. Ela acreditava que cada pessoa carregava o seu no peito como quem carrega uma pequena lanterna acesa.

E ela colecionava corações.

Os apaixonados, segundo Marina, eram vermelhos. Não porque ela os tivesse visto, mas porque pareciam quentes como mãos que se encontram às pressas. Pulsavam rápido, quase tropeçando dentro do peito, como tambores em dia de festa.

Os puros eram azul-celeste. Tinham o som de água correndo tranquila entre pedras lisas.

Quando alguém assim chegava perto, Marina sentia uma brisa leve, como se o mundo respirasse mais devagar.

Os sozinhos eram verde-limão. Tinham cheiro de chuva antes de cair e um silêncio comprido que se acomodava nos cantos da sala. Ela os reconhecia pela pausa entre uma palavra e outra, pelo jeito de suspirar.

Veza ou outra, Marina criava cores para guardar em sua coleção. Havia os corações dourados, que riam alto; os lilases, que falavam baixo e pensavam demais; e os coloridos, daqueles que sofreram. Esses brilhavam por fora como se fossem feitos de festa, mas, por dentro, eram sombra e eco. Marina dizia que eram furta-cor, porque mudavam conforme o toque, conforme o dia.

Ela conhecia cada um deles com a ponta dos dedos. Às vezes segurava as mãos das pessoas e ficava em silêncio, como quem escuta uma música distante. Outras vezes inclinava levemente a cabeça, atenta ao ritmo da respiração alheia. Era assim que descobria as cores.

Marina só não sabia descrever o próprio coração.

Sentia que nele faltava um pedacinho. Talvez fosse xadrez, como toalha de piquenique.

Talvez florido, como jardim na primavera. Talvez tivesse estrelas miúdas espalhadas ou fosse simplesmente da cor do sol, aquela que dizem aquecer o rosto nas manhãs claras.

Ela perguntava às pessoas como era o amarelo.

— É quente? — queria saber.

— É alegre? Faz cócegas?

Perguntava sobre o azul.

— Ele é frio como vento? Ou macio como algodão?

Reunia cada resposta como quem junta conchas na areia. Guardava tudo em sua caixinha particular, aquela que chamava de coração. Todas as memórias, todas as descrições, todas as risadas que reconhecia pelo som.

Todos os dias, Marina buscava o pedacinho que achava faltar. Caminhava contando passos, reconhecendo o caminho pelo cheiro do café recém passado nas casas vizinhas e pelo canto apressado dos pardais no telhado. Parava perto da janela e inclinava o rosto para sentir o calor da manhã.

Diziam que o céu estava azul.

Ela sorria.

Não sabia exatamente que tom tinham os olhos das pessoas que amava. Nunca soube descrever o desenho das nuvens nem o contorno exato das árvores da praça. Desde que nascera, o mundo lhe chegava de outro jeito: em sons, texturas, perfumes e temperaturas.

As cores, Marina aprendeu com as palavras dos outros.

Talvez por isso as entendesse tão profundamente.

Porque enquanto muitos apenas olhavam, ela sentia.

E, numa tarde morna, ao ouvir a própria risada misturada ao vento, percebeu que seu coração não tinha um pedaço faltando. Ele era feito de tudo o que guardara: do calor do vermelho, da calma do azul, do cheiro verde da chuva, da luz que lhe descreviam como sendo do sol.

Seu coração não precisava de cor.

Ele já era inteiro.

Marina não via o mundo.

Mas o mundo, inteiro, morava dentro dela.



Sou Belle Dantas, Administradora de Empresas, Cursando Psicologia, estagiei em Psicologia Jurídica e Psicopedagogia. Participei de uma pesquisa científica sobre adoção legalizada com minha Professora e supervisora de jurídica. Tenho 53 anos e gostava de ler poesias na infância e amava declamá-las! Sou escritora amadora e já escrevi um livro infantil não publicado e estou escrevendo um Romance. Participei de algumas antologias, incluindo Edifício Solaris de Gilson Pessôa. Amo a arte em geral!

Escritora: Belle Dantas

Entre Frutas e Ausências

Maçãs, Batatas e Aipim
Nos encontramos primeiro
em frente às maçãs.
Elas brilhavam sob a luz branca,
vermelhas, redondas, quase perfeitas
como se a vida ainda soubesse
ser inteira.
Ali nos abraçamos.
Um abraço contido,
mas cheio de tudo.
No cheiro doce das frutas
eu senti o gosto antigo
dos cafés da tarde,
dos bolos cortados em fatias generosas,
da mesa onde nossos pais ainda estavam.
Depois nos cruzamos de novo,
em frente às batatas.
Terra ainda agarrada na casca,
formas irregulares, simples,
raízes arrancadas do chão.
Pareciam falar da gente.
Daquilo que sustenta,
mesmo quando não é bonito,
mesmo quando dói.
Falamos pouco.

Como se cada palavra
tivesse que atravessar um campo inteiro de
ausência
antes de chegar ao outro.
E por fim,
quase perto do aipim.
Raiz funda.
Branca por dentro.
Silenciosa.
Daquelas que precisam ser descascadas
para revelar a maciez escondida.
Foi ali que o choro quase me venceu.
Quis segurar meu irmão
como quem segura a própria origem.
Quis dizer que eu ainda sinto falta
da família que éramos —
ou que ainda somos,
mesmo espalhados.
Mas o luto às vezes nos deixa tímidos.
E a gente se despediu mais uma vez,
como se fosse a última,
mesmo sabendo que não era.
Eu empurrei meu carrinho
para longe das raízes
e chorei entre as cores da vida.
Chorei porque as maçãs continuam vermelhas.
Porque as batatas continuam nascendo da
terra.
Porque o aipim continua firme, escondendo sua
doçura.

E porque o amor também continua.
Talvez a família não tenha acabado.
Talvez ela esteja como as raízes:
invisível na superfície,
mas profundamente viva
debaixo do chão da saudade.

Escritora: Belle Dantas

A dor do Luto

A chave girou duas vezes antes de a porta ceder.

Helena entrou devagar.

O ar tinha cheiro de madeira antiga e algo mais — ausência. Como se a casa tivesse prendido a respiração desde o dia em que o pai saiu de ambulância e nunca mais voltou.

Ela fechou a porta atrás de si.

O silêncio não era comum. Não era o silêncio da madrugada ou de um domingo chuvoso. Era um silêncio órfão.

A sala estava exatamente como ele deixara.

Um copo com água pela metade repousava sobre a mesa de centro, como se ele fosse voltar em poucos minutos para terminar de beber.

Os óculos estavam apoiados ao lado da poltrona, cuidadosamente dobrados.

Os chinelos de dedo, encostadinhos, alinhados próximos à mesa de jantar — e sobre eles, deitado como quem guarda o cheiro do dono, o cachorrinho dele dormia profundamente, o focinho enfiado entre as tiras de borracha, como se ainda pudesse encontrá-lo ali.

O chapéu estilo italiano que ele gostava de usar estava sobre o braço do sofá, e o casaco preto

permanecia jogado ali, como se o corpo ainda o habitasse.

Sobre a mesa, o relógio de pulso aguardava um pulso que não voltaria.

Nada parecia abandono.

Parecia interrupção.

Helena aproximou-se da poltrona.

O tecido ainda guardava a marca leve do corpo dele. E ali — presos nas fibras do estofado — alguns fios de cabelo bem branquinhos permaneciam grudados, finos como teias invisíveis.

Ela ficou parada olhando.

E foi esse detalhe que quase a fez desabar.

Os cabelos.

Tão pequenos.

Tão frágeis.

Tão vivos ainda.

Passou os dedos devagar pelo tecido, mas não teve coragem de removê-los. Era como se arrancá-los fosse confirmar a morte pela segunda vez.

O cachorrinho se mexeu, suspirando em sonho.

As patinhas tremeram levemente.

Helena sentiu algo apertar por dentro.

Ele ainda esperava.

Por um instante — apenas um — ela também esperou ouvir:

“Helena, minha caçula.”

Nada.

O relógio da parede marcava os segundos com uma precisão cruel.

Ela passou a mão pelo rosto e fechou os olhos.

Não chorou.

O choro já tinha sido gasto nos corredores do hospital.

Agora restava um cansaço profundo.

Pensou na mãe.

Na mesa do almoço.

Na lembrança da cirurgia que talvez tivesse sido apenas uma confusão do Alzheimer.

Pensou no filho.

Suas fotos espalhasse pelo quarto.

Pensou no pai jovem, dormindo dentro de um navio da United States Navy, dando quase todo o salário à mãe viúva.

Pensou que ele nunca fora ao enterro do próprio pai.

E agora ela também nunca poderia perguntar mais nada.

A casa estalou.

Madeira contra madeira.

Helena abriu os olhos.

Era só a casa assentando.

Sempre há explicações.

Ela levantou-se e caminhou até o corredor.

O quarto dos pais estava impecável.

Abriu a janela.

O vento entrou tímido.

O jardim estava silencioso demais.

Ela teve um pensamento súbito:
Agora, se eu desaparecer, ninguém vai notar imediatamente.
A frase não era dramática.
Era constatação.
Ela voltou à sala, pegou o celular e abriu o navegador.
Digitou: casas à venda na Carolina do Norte.
Procurou apenas:
isolamento.
E a floresta apareceu.



Sou Eliz Vieira Ferreira (Nome de Registro: Elizaria Vieira Ferreira). Nasci em Jacarepaguá/RJ, em 1972, e meus pais se chamam Mario Alves Vieira e Acácia Dutra Vieira. Sou casada com Sergio Paulo Ferreira e tenho três filhos lindos que amo: Carolyn, Natã Paulo e Paulo Felipe. Sou Professora, Compositora, Cantora, Missionária, Artesã, Empreendedora, Empresária e Escritora. Atuo como Diretora dos Projetos Sociais: “Conquistando o Impossível”, “Biblioteca

Comunitária Fonte do Saber” e “Jameleira Literária”, Projeto Florescer (Mulheres/empreendedorismo) em Duque de Caxias/RJ. Secretária na ONG Projeto Missionário REAJA.(Sergipe)- Embaixadora do Projeto Gere Vidas no Rio de Janeiro - Autora do Livro "A Jameleira Literária", " Livro- Acácia Raízes do Amor que Florescem", Livro " Devocional Florescer ". Co-autora do Livro "Perdoando o Imperdoável " Participação nas Antologias - "Amor e Esperança", "Sentimentos escritos ", "Entre páginas e versos ", O Jardim secreto", Farol das letras"-Editora Panoplia

Escritora: Eliz Vieira Ferreira

O Artista

O artista não nasce pronto,
ele desperta.
Desperta no silêncio da madrugada,
no risco tímido do lápis,
na lágrima que escorre escondida
e vira verso.
O artista enxerga o que poucos veem:
beleza no improvável,
luz na fresta,
cor no cinza da rotina.
Ele transforma dor em ponte,
saudade em canção,
memória em eternidade.
Há dias em que o mundo pesa,
mas ele insiste.
Porque dentro dele há um fogo
que não se apaga —
um chamado que pulsa mais alto
que o medo.
O artista é jardineiro de sonhos,
semeia palavras,
rega melodias,
cultiva esperança.
E mesmo quando ninguém aplaude,
ele continua criando.
Pois sabe que sua arte

é semente lançada ao vento —
e toda semente fiel
encontra terra fértil.

O artista chora, sorri, mas nunca perde a
esperança.

Ser artista
é ter coragem de sentir demais,
de amar demais,
de acreditar demais.
É tocar o invisível
e revelar o eterno
em cada detalhe
do agora.

Escritora: Eliz Vieira Ferreira

☺ Amor

O amor é um sentimento,
verdadeiro que mora
dentro da gente.

O amor supera o ódio.
O amor salva
O amor cura
O amor traz paz
O amor une pessoas
o amor perdoa

Quero que você nunca se esqueça,
a ninguém debes nada,
a não ser o AMOR.

Ame sem reservas
Por que Deus é AMOR.

Escritora: Eliz Vieira Ferreira

Perdão

Perdão é deixar o outro viver dentro de você
de novo,
mesmo estando de longe,
mas com o coração puro,
sem ressentimentos...

É entender que a falta de perdão adocece a
alma,
trava a vida,
e faz gerar no corpo enfermidades que nos faz
sofrer...

O segredo é deixar o novo viver dentro nos
todos os dias.

Perdoe sempre e nunca se esqueça que é o
ferido que libera o perdão.

Seja LIVRE, PERDOE!

Um texto do idealizador e escritor Gilson Salomão Pessôa

A Gramática Invisível

Existe um idioma que não se aprende em escola, não aparece em dicionário e, ainda assim, rege encontros, desencontros, paixões e guerras silenciosas todos os dias. É a linguagem não verbal — e, no território feminino, ela parece ter desenvolvido uma gramática própria, cheia de sutilezas, variações de tom e camadas de significado que fariam qualquer linguista pedir arrego.

O homem, via de regra, é um falante rudimentar desse idioma. Ele trabalha com meia dúzia de sinais básicos: o olhar direto que diz “gostei”, o desvio brusco que diz “não gostei”, o silêncio que quer dizer... bem, silêncio mesmo. Já a mulher, não. A mulher constrói frases inteiras com o levantar de uma sobrancelha, escreve parágrafos com a forma como cruza os braços, e pode encerrar um capítulo inteiro apenas ajustando o cabelo atrás da orelha.

Veja, por exemplo, o “tudo bem”. No vocabulário masculino, “tudo bem” costuma significar exatamente isso: ausência de problemas. Já no universo feminino, “tudo

bem” pode ser um campo minado semântico. Dependendo da entonação, do tempo de resposta, da direção do olhar e até da distância física entre os corpos, pode significar: “não está nada bem”, “está bem por enquanto”, “não quero falar disso agora” ou o temido “descubra sozinho”. É quase um exercício de criptografia emocional.

E não se trata de mistério gratuito. Há uma engenharia fina por trás disso. A linguagem não verbal feminina parece nascer de uma combinação de percepção aguçada e necessidade histórica de comunicação indireta. Onde a fala aberta nem sempre era possível, o gesto ganhou força. Onde a palavra poderia ser interrompida, o olhar passou a concluir a frase. Com o tempo, isso não apenas se manteve — se sofisticou.

O homem, coitado, chega atrasado nessa aula. Ele vê o sorriso e registra “sorriso”. Não percebe que há sorrisos que acolhem, sorrisos que testam, sorrisos que ironizam e sorrisos que já estão se despedindo. Ele ouve o “depois a gente vê” e realmente acredita que existe um “depois” em negociação, quando, na verdade, a decisão já foi tomada há três expressões faciais atrás.

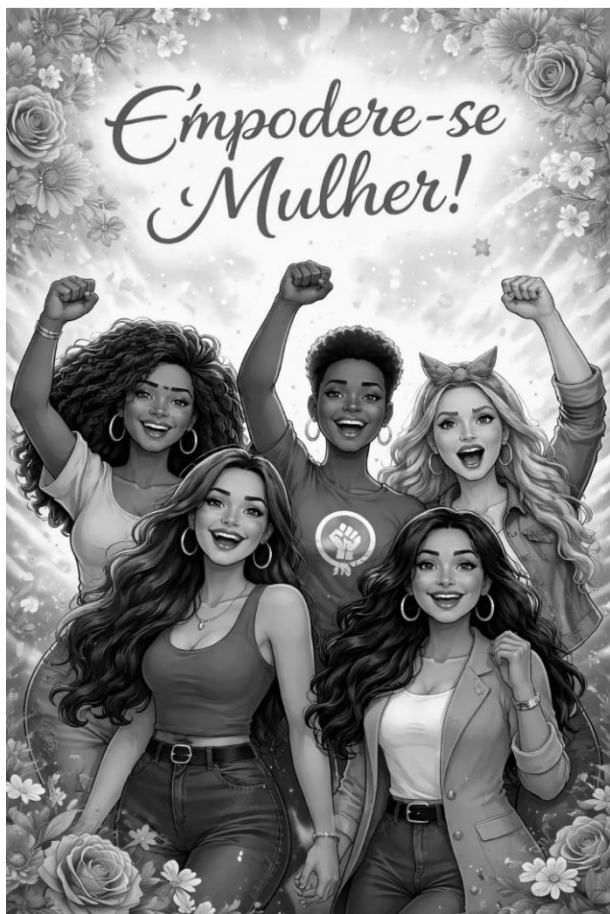
Mas também seria injusto tratar isso como superioridade pura. Complexidade não é sinônimo de clareza. Há momentos em que

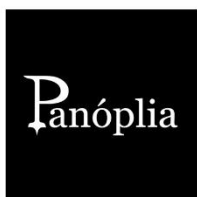
essa riqueza de sinais cria ruído, gera interpretações equivocadas, alimenta expectativas não ditas. A mesma linguagem que aproxima também pode confundir — especialmente quando o interlocutor fala um dialeto muito mais simples.

Talvez o ponto não seja quem se comunica melhor, mas quem está disposto a aprender o idioma do outro. O homem que começa a prestar atenção nos detalhes — no tempo de resposta, na coerência entre gesto e palavra, no que não é dito — descobre um mundo novo. E a mulher que, vez ou outra, traduz esse código em palavras mais diretas abre atalhos preciosos na comunicação.

No fim das contas, a linguagem não verbal feminina não é um enigma indecifrável. É um sistema rico, cheio de nuances, que exige presença, atenção e, principalmente, interesse genuíno. Não se aprende com fórmulas prontas nem com manuais milagrosos. Aprende-se observando, errando, ajustando — como qualquer língua viva.

E talvez seja isso que mais incomoda e encanta ao mesmo tempo: não há fluência instantânea. Mas, para quem insiste, a conversa fica muito mais interessante.





Ler é sempre uma aventura extraordinária!

Visite nosso site:
www.editorapanoplia.com.br



Estas páginas são feitas de travessias. De quedas que ensinaram voo, de lágrimas que irrigaram coragem, de lembranças que se tornaram luz. Entre afetos, perdas, descobertas e recomeços, cada história sussurra ao leitor que ser mulher é ser permanência e movimento ao mesmo tempo. Ser raiz que sustenta e asa que liberta.

Ler esta antologia é entrar em um jardim de vozes onde cada flor carrega uma verdade: nenhuma mulher caminha sozinha quando sua história encontra outras para florescer junto.

ISBN 978-658398728-0



9

786583

987280

Panóplia

editorapanoplia.com.br